

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**Angela Saikoski Delavechia**

**Contribuições aos estudos sobre Adolescentes na EJA: na perspectiva da  
Classe Trabalhadora**

Porto Alegre  
1º Semestre  
2015

**Angela Saikoski Delavechia**

Contribuições aos estudos sobre Adolescentes na EJA: na perspectiva da Classe  
Trabalhadora

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Comissão de Graduação do  
Curso de Pedagogia da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito parcial  
obrigatório para a obtenção do título em  
Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Souza Fonseca**

Porto Alegre

1º Semestre

2015

*Aos professores que estão  
nos piquetes de GREVE no Brasil inteiro.  
Sobretudo, aos professores do Paraná,  
que neste ano de 2015 viveram  
um dos maiores ataques repressivos  
ao protestarem contra o sucateamento  
da Educação Pública.*

*Aos que resistem e lutam pelo Direito à  
Educação Pública, Gratuita e de Qualidade!*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a duas mulheres fundamentais na minha vida: minha Mãe Rose e minha Dinda Marlene. Pelo carinho e cuidado de sempre e porque, sem medir esforços, mesmo quando não tínhamos muitas condições de manter a faculdade, fizeram de tudo para assegurar minha permanência na Universidade. A elas, não só agradeço, mas dedico este trabalho e a vitoriosa conclusão deste curso!

Ao meu pai, pelo amor e cuidado em meio a tantas diferenças.

Ao meu irmão, pelas boas lembranças de outrora, com quem dividi momentos de dureza e de muito companheirismo. Desejo que os sentimentos se mantenham firmes apesar da distância!

À irmã que a militância me deu, Greice Hochmuller, por toda sua amizade, seu amor e, claro, por todo seu humor. Obrigada por manter-se sempre firme ao meu lado e, mesmo em dias tristes, arrancar um sorriso do meu rosto.

Às mulheres e aos homens que dedicam o melhor de suas vidas na construção de uma ferramenta de luta para a libertação da classe trabalhadora, o PSTU – LIT-QI. A estes, dedico minha admiração e agradeço pelos momentos de aprendizado em que militamos lado a lado. Em especial, sem personificar, à Martina por ter sido sempre firme, sem perder a sensibilidade. Pelos apoios *políticos-pessoais* e, nesse último período, também *acadêmico*.

Ao belo encontro, ainda no início do curso, com o Grupo Trabalho Formação Humana, sobretudo, à professora Laura Souza Fonseca. Uma mulher incrível, com quem aprendi a ver e pensar o mundo sob a materialidade e realidade objetiva que a classe trabalhadora sobrevive no capitalismo e, mais que isso, com quem tive a oportunidade de conhecer e iniciar estudos sobre o marxismo. Professora, obrigada pelos ensinamentos fraternos e a sensibilidade de sempre, com certeza, és parte importante das minhas experiências acadêmicas e da minha formação!

Por fim, ao meu companheiro, Fernando, com quem aprendo cotidianamente, sobre respeito e amor. Que mesmo em tempos de relações desumanizadas pelo capitalismo, resiste e luta comigo construindo uma relação que possa superar as contradições, o individualismo e as opressões.

*“A vida é bela. Que as futuras gerações a  
livrem de todo mal e opressão, e possam  
desfrutá-la em sua plenitude.”*

*LeonTrotsky*

## RESUMO

Diferente de todas as crises capitalistas anteriores, ditas cíclicas, a partir da década de 70 muitos estudiosos começam a apontá-la como a crise mais acirrada do sistema capitalista e passam a considerá-la como a crise estrutural do capitalismo. Daí inúmeras políticas são lançadas com o objetivo de superá-la, como legado do neoliberalismo clássico, políticas de ajuste fiscal assombram a população, há alteração da condição e ritmo do trabalho, as áreas sociais são as mais prejudicadas. Percebemos a reestruturação produtiva, a globalização e o neoliberalismo com todas suas políticas de privatizações, terceirizações e parcerias público-privadas na Educação e no mundo do trabalho. Este estudo situa-se no campo trabalho-educação, em especial, com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo este cenário social, percebemos no contexto da EJA a significativa presença de adolescentes nas totalidades da modalidade (Por quê?). Adolescentes estes recém-excluídos da escola que retornam, agora, na EJA (O que fazer?). Quem são eles? O que eles querem/esperam na/da EJA? Este trabalho tem o objetivo de contribuir com os estudos acerca dos adolescentes na EJA, para isto, a metodologia utilizada foi a revisão da produção acadêmica discente, a partir do Curso de Especialização de Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade, FACED-UFRGS, através do mapeamento dos TCC's e análise dos mesmos, na perspectiva quanti e qualitativa. Nossos estudos percebem a construção emergente de um sujeito-adolescente-trabalhador, ora excluído do ensino fundamental, por distintos aspectos, e que acredita na relação escola – emprego como forma de transformar sua realidade objetiva, mas que se depara com um mercado de trabalho em crise.

**Palavras-chaves:** Adolescência - Crise estrutural do capitalismo - Trabalho

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>“POR ONDE ANDEI...”</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA EM ESTUDO</b> .....	<b>11</b>
3.1	DEMARCAÇÕES DO ESTUDO.....	13
<b>4</b>	<b>ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	<b>14</b>
4.1	ELEMENTOS BÁSICOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO.....	15
4.2	MODOS DE PRODUÇÃO.....	16
4.2.1	<b>O Modo de Produção Capitalista</b> .....	187
4.2.2	<b>Modelos de Produção do Sistema Capitalista</b> .....	18
4.2.3	<b>Modo de Produção do Estado Operário</b> .....	19
4.3	O CARÁTER DO ESTADO.....	20
<b>5</b>	<b>ARTICULANDO ECONOMIA – TRABALHO – EDUCAÇÃO: FRENTE À CRISE ESTRUTURAL DO CAPITALISMO</b> .....	<b>20</b>
5.1	AS POLÍTICAS DA CRISE E SUAS RELAÇÕES COM TRABALHO E EDUCAÇÃO .....	22
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>28</b>
6.1	MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFRGS.....	31
6.2	MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÕES – CIÊNCIAS HUMANAS.....	32
<b>7</b>	<b>O QUE EMERGE DO CAMPO?</b> .....	<b>34</b>
7.1	DE QUE EJA E ESCOLA ESTÃO FALANDO? .....	38
7.2	QUEM SÃO OS ADOLESCENTES DA EJA?.....	41
7.3	DE QUAL TRABALHO? .....	45
7.4	DAS ARTICULAÇÕES.....	47
<b>8</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NESTE MOMENTO</b> .....	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	

## 1 INTRODUÇÃO

O atual regime impõe sempre, e de modo inevitável, à classe operária, mesmo com a mais pacífica marcha dos acontecimentos, sacrifícios sem medida. Milhares e dezenas de milhares de homens que trabalham durante toda a sua vida para criar riquezas alheias perecem em virtude da fome e da inanição constantes, correm prematuramente em consequência das enfermidades contraídas nas insuportáveis condições de trabalho, residências miseráveis e falta de descanso. Merece cem vezes o nome de herói quem prefere sucumbir na luta aberta contra os defensores e guardiães desse regime abominável a perecer em morte lenta como uma besta de carga submersa no embrutecimento, extenuada e submissa.

Um convite à leitura.

Acima seleciono um trecho de um profundo legado revolucionário deixado por Lenin, presente no jornal *Iskra*<sup>1</sup> nº 5 de junho/1901, um dos principais instrumentos políticos do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR). Publicado na Rússia e sob a direção do próprio Lênin até 1903. Na afirmação acima Lenin descreve aspectos da tomada de consciência da classe operária, referindo-se ao 1º de Maio de 1901 e o enfrentamento e resistência que o movimento operário protagonizou nesta ocasião e em tantas outras que sucederam.

Concordando com Lenin sobre a importância da tomada de consciência da classe trabalhadora, frente ao protagonismo de sua condição, escrevo este trabalho vislumbrando como foco de análise os adolescentes e a condição da adolescência da classe que vende sua força de trabalho e que é a única capaz de efetivar a transformação radical da sociedade.

O presente trabalho, sem pretensões exacerbadas, tem como objetivo um estudo acerca da significativa presença de adolescentes nas totalidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal propósito, optamos pela revisão da produção acadêmica discente, apontado pelo campo, especificamente, do curso Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade (FACED-UFRGS).

---

<sup>1</sup> Texto completo disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1901/06/massacre.htm>>. Acesso em jun. 2015.



A finalidade deste trabalho é expor questões concretas retiradas das produções selecionadas para análise, que tratam da presença dos adolescentes na EJA, contudo, na perspectiva da compreensão deste fenômeno e, também, das possibilidades que são estudadas e/ou aprofundadas no processo de formação/especialização de professoras. Isto é, com base no material analisado, o que pensam sobre isso as professoras? É possível perceber alguma preparação para atender a esse público específico na EJA? Qual/Como?

Para que seja possível perceber o contexto no qual o trabalho surge e é estruturado, seguem anúncios:

Após a introdução, inicio me apresentando e expondo algumas concepções pessoais, de forma esclarecedora ao leitor, no capítulo “*Por onde andei*”.

No terceiro capítulo denominado “*Aproximações Com a Temática em Estudo*”, apresento meus contatos com o objeto de pesquisa; neste caso, a EJA e os adolescentes, seguidos do meu interesse pelo tema, a partir do Estágio Curricular do curso de Pedagogia e, também, as escolhas definidas, em conjunto com a orientadora, para abordar e elaborar sobre o tema em questão. Nesse sentido, também são apresentados aspectos importantes para a compreensão do estudo, pois são mostradas as demarcações que realizamos do conteúdo a ser analisado.

Em sequência, no quarto capítulo, construo e apresento meus “*Pressupostos Teóricos*”, ou seja, minha opção teórico-metodológica. Nesse sentido trago questões básicas acerca do materialismo histórico dialético e dos modos de produção ao longo da História, dando prioridade ao Capitalista e ao Estado Operário. Trago a discussão das formas de produção capitalistas: taylorismo/fordismo, toyotismo e caráter do estado.

No quinto capítulo, “*Articulando Economia – Trabalho – Educação: frente à crise estrutural do capital*”, elaboro uma explanação sobre o modo de produção e aproveito para provocar o diálogo, ou melhor, as imposições da atual crise estrutural do capitalismo e suas políticas em relação ao trabalho e à educação.

Em seguida, no sexto capítulo, a elaboração metodológica da revisão da produção acadêmica discente é explicada, ou seja, são descritos os passos dados e os instrumentos utilizados para coleta de dados; as escolhas realizadas para o estudo de tal tema; as formas de análise (quanti e qualitativa); os aspectos a serem analisados e a própria forma de diálogo com cada autor e obra utilizado. “*Metodologia*”.

No sétimo capítulo, me dedico à densa análise das produções selecionadas e à elaboração de reflexões do que foi observado em relação à Educação de Jovens e Adultos, aos adolescentes inseridos neste espaço e, também, em relação ao trabalho, ainda que este último de forma mais singela, dados o limite e foco do trabalho. Por fim, uma contribuição, uma síntese acerca dos aspectos quanti e qualitativos. “*O que emerge do campo?*”

Finalizo com alguns apontamentos pertinentes sobre o que foi ou não possível observar no campo empírico. Também elaboro algumas considerações cabíveis neste momento da minha formação docente.

## 2 “POR ONDE ANDEI...”<sup>2</sup>

Neste capítulo inicial, penso que se faz importante falar sobre minhas inspirações na escrita deste trabalho, embora eu já tenha citado algumas nas páginas anteriores. Brevemente, quero expressar minha defesa pela educação pública, gratuita e de qualidade, assim como o reconhecimento à luta das mulheres trabalhadoras contra a exploração e a opressão. Duas defesas que confluem e materializam quando me refiro à formação que estou prestes a concluir – Pedagogia.

Sou estudante de escola pública e meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos e com a vontade de ser professora foi na sala de aula, onde minha mãe estudava e, também, nos dias de semana em que estudávamos juntas, após suas longas jornadas de trabalho assalariado, doméstico e de estudo.

Ao entrar na UFRGS pensava que o meu único objetivo era fazer inúmeras cadeiras, muitas de forma mecânica, e concluir o curso. Hoje, depois de percorrer um caminho distinto deste, percebo que boa parte da formação que me constitui se deu em espaços fora da sala de aula: o movimento estudantil - tanto no Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (DAFE/UFRGS), quanto no Diretório Central dos Estudantes (DCE/UFRGS) -, o movimento social, a organização política e as inúmeras vezes em que, com bandeiras e faixas, tomamos as ruas da cidade e as

---

<sup>2</sup> Canção do cantor Nando Reis, chamada *Por Onde Andei* (2005).

ruas de outros estados; as vezes em que participamos de congressos; e as nossas lutas por mais direitos aos trabalhadores, mais oportunidades à juventude trabalhadora. Assim, todos estes espaços, pessoas, organizações, tudo isso é parte fundamental da minha formação docente.

Ainda querendo expressar a principal concepção e pano de fundo deste trabalho, declaro compreender a sociedade capitalista da seguinte forma:

Por burguesia compreende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletários compreende-se a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que, privados de meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir. (MARX E ENGELS, 2003, p. 11).

### **3 APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA EM ESTUDO**

Realizei o Estágio de Docência numa escola pública do município de Porto Alegre/RS, numa turma composta pelas Totalidades 1 e 2 (T1 e T2). Tal experiência motivou meus estudos acerca da modalidade, em conjunto com as inquietações que tive durante o período do estágio, quando percebi a presença majoritária de adolescentes nas demais totalidades da escola, desde a T3 até a T6.

Embora na turma que realizei o estágio houvesse apenas dois adolescentes frequentes, um deles nos primeiros dias de aula conosco, quando perguntei informações sobre ele, disse a mim que tinha quinze anos de idade e que estava na EJA porque sua professora anterior havia lhe dito que “de noite” seria melhor. Já o outro estudante, de dezessete anos, morava no Abrigo Pão dos Pobres; todas as noites o seu responsável do abrigo o levava e buscava na escola. Ambos, por motivos distintos, foram excluídos do ensino fundamental, dito regular. Provavelmente, ambos, ao frequentarem a EJA resistem a uma nova exclusão anunciada.

Além disso, no final do estágio, minha colega de estágio e eu elaboramos para última semana de aula a “Semana Cultural da EJA”, com o objetivo de integrar todas as Totalidades e professores da escola, através de atividades, oficinas e espaços organizados pelos estudantes, professores e servidoras da escola, proporcionando a valorização das culturas e saberes de dentro e fora da escola. Nessa construção, ao passarmos em sala para divulgar/organizar os espaços e nas próprias atividades da

Semana Cultural, nos deparamos com um cenário em que as salas eram, massivamente, constituídas por adolescentes, em sua maioria entre quinze e dezoito anos de idade. Chama atenção a fala de uma estudante, que ao se apresentar, fala seu nome, sua idade (trinta e três) e constata, “sou a mais velha da T3<sup>3</sup> em diante”.

O que percebemos em nossa escola não era um privilégio, pois ao compartilhar relatos de estágio com outras colegas, na disciplina de Seminário<sup>4</sup> sobre diferentes escolas com oferta de EJA, públicas e privadas, ouvimos que também tinham esta característica.

A partir disto, comecei a me questionar sobre quais seriam os critérios que regulamentam essa matrícula, cada vez mais frequente, de adolescentes na EJA, ou seja, por que e como são matriculados na EJA? Como será que as professoras e os gestores escolares percebem e se organizam para atender a esse público? O que tem sido produzido neste aspecto e/ou nova composição da modalidade? Se é que assim posso dizer.

Partindo da concepção de um curso de formação de professores, compreendendo a conjuntura social, no âmbito nacional e mundial, analisando no contexto da EJA a significativa presença de adolescentes nessa modalidade, dita historicamente para adultos, procuro saber:

Quem são os adolescentes que estão na EJA? Por que estão nesta modalidade? Quais são e como estão sendo construídas as perspectivas em torno de tais estudantes?

Compreendo que esta pesquisa é necessária à nossa área de formação, a Educação, uma vez que os aspectos supracitados não se tratam de relações casuais, mas sim de um fenômeno social impulsionado por diferentes elementos da conjuntura da sociedade em que vivemos.

---

<sup>3</sup> Totalidade do Conhecimento 3.

<sup>4</sup> Disciplina EDU 3065 – Seminário de Prática Docente em Educação de Jovens e Adultos

### 3.1 DEMARCAÇÕES DO ESTUDO

Este trabalho não faz parte de uma pesquisa maior, ou seja, não é resultado e/ou recorte de uma pesquisa existente. Também não tem a pretensão de esgotar quaisquer possibilidades de estudos futuros, ao contrário, pretende contribuir e instigá-los.

Compreendendo se tratar de um trabalho de conclusão de curso (TCC), tivemos rigor em sua viabilidade no sentido do espaço de tempo em que está fixado. Confluindo com os objetivos da autora, em conjunto com sua orientadora, o que pretendemos é contribuir aos estudos sobre os adolescentes na Educação de Jovens e Adultos da escola pública.

Num primeiro momento, optamos por debruçar nossos estudos nos trabalhos finais dos cursos de Pedagogia e de Especialização (FACED-UFRGS), buscando saber o que há de elaborações com foco em Adolescentes na EJA: como são referidos os sujeitos, como são percebidas as especificidades, como são atendidos, principalmente, qual é a perspectiva acadêmica em relação a este público.

Contudo, após um primeiro movimento de pesquisa<sup>5</sup>, redirecionamos o recorte apenas às produções do curso de especialização *Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade*. Disto queremos destacar três aspectos relevantes da escolha que realizamos: 1) foi neste curso referido que localizamos um maior número de trabalhos com foco na adolescência e em adolescentes; 2) a especialização nos proporcionou uma riqueza nas produções, uma vez que são elaborações acerca da reflexão docente de profissionais que já estão em contato/vivência com a EJA; 3) também, pela escassez no tema referido nas produções da graduação, as quais já nos primeiros movimentos de busca percebemos um distanciamento do nosso objeto de pesquisa.

Ainda se torna necessário ressaltar a importância da realização de tal curso de especialização, que é uma conquista por mais valorização e reconhecimento da modalidade, travada pelos docentes comprometidos com esta dentro da Faculdade

---

<sup>5</sup> Será melhor explicado no capítulo que trata da metodologia.

de Educação. Os frutos de tal trabalho são percebidos nas produções elaboradas a partir deste espaço, que constituem um rico campo para análise.

#### **4 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Há quem diga que a “análise social” é trabalho para os sociólogos, o estudo dos acontecimentos históricos para os historiadores, as interações econômicas para os economistas e, assim por diante. Como se a complexidade das relações humanas pudesse ser apartada e armazenada em compartimentos estanques do conhecimento científico, para serem usadas, sempre que necessário, por algum analista de plantão.

A partir da década de 40 do século XIX, dois alemães, Karl Marx e Friedrich Engels, pela primeira vez, expuseram uma interpretação materialista e científica da história da humanidade e das diversas sociedades que nela se sucederam.

No entanto, compreendemos que o desenvolvimento das ideias e, em certa medida, o surgimento de seus autores está subordinado às condições materiais de sua época, ao desenvolvimento das forças produtivas, em suma: a luta de classes.

Posto isto, vale ressaltar que Marx e Engels só conseguiram desenvolver o materialismo histórico e dialético, pois já possuíam em mãos o materialismo mecanicista de Ludwig Feuerbach (1804-1872) e a dialética idealista de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). O socialismo científico só foi possível, graças aos autores que o sucederam, os socialistas utópicos, como Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858). Por fim, a teoria econômica marxista surgiu como resposta às teorias do liberalismo, cujos principais expoentes eram Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823).

Entendendo que a realidade é algo mutável e que os processos históricos, isto é, as transformações das forças produtivas e da luta de classes, que ocorrem ao longo da história da humanidade não são processos lineares, é possível perceber que para realizar uma análise científica e abrangente, que esteja conectada com a realidade da sociedade atual, devemos abordar o Materialismo Histórico e Dialético. Isto é, para compreender a realidade econômica e política, sobretudo nas áreas

sociais, temos que entendê-los como reflexos dos processos históricos ocorridos ao longo da história da humanidade, portanto, da história da luta de classes<sup>6</sup>.

Portanto, com um prisma crítico, científico e dialético, nosso estudo não quer apenas repetir caducos conceitos em abstrato, desvinculados da realidade concreta em que vivem os trabalhadores, mas, sim, estudar de forma abrangente o fenômeno em questão.

#### 4.1 ELEMENTOS BÁSICOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Para iniciar o estudo exposto a seguir faz-se necessário abordar aspectos básicos do materialismo histórico. Nesse sentido, serão apresentados alguns conceitos imprescindíveis, tais como: infraestrutura, estrutura e superestrutura, bem como, os diversos modos de produção vivenciados pela humanidade ao longo da sua História. As sínteses apresentadas a seguir foram elaboradas a partir de reflexões e os estudos em Moreno (1989)<sup>7</sup>, Iturbe (2009)<sup>8</sup>, Marx e Engels<sup>9</sup>.

*INFRAESTRUTURA OU FORÇA PRODUTIVA*: relação homem-natureza externa à sociedade. Marx afirma que um aspecto fundamental de toda sociedade está na relação que os homens daquela sociedade estabelecem com a natureza, através da técnica, para produzir;

*ESTRUTURA OU RELAÇÕES DE PRODUÇÃO*: relação homem-homem, dentro da economia da sociedade. Na sociedade atual, pode-se perceber, de imediato, que há diferenças muito grandes entre os homens com relação ao trabalho. Denomina-se de classes sociais (ou setores de classes) aos homens que têm uma idêntica relação com a propriedade do aparato produtivo e seus produtos;

---

<sup>6</sup> MARX, Karl; ENGELS Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Sundermann, 2003

<sup>7</sup> MORENO, Nahuel. As Revoluções do Século XX, Brasília, Edição da Câmara dos Deputados, 1989

<sup>8</sup> ITURBE, Alejandro. O Sistema Financeiro e a Crise da economia Mundial. São Paulo: Sundermann, 2009

<sup>9</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia Alemã. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2007 e MARX, Karl; ENGELS Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Sundermann, 2003

*SUPERESTRUTURA*: Marx descobriu que, sobre essa estrutura econômica, organizada em torno da produção e da distribuição, havia outra série de fenômenos da vida social que eram distintos, que não se enquadravam na infraestrutura nem na estrutura; relação homem-ideologia-instituições.

#### 4.2 MODOS DE PRODUÇÃO

As três categorias estudadas anteriormente, infraestrutura, estrutura e superestrutura, possibilitam uma classificação das diferentes sociedades. Tendo como ponto de partida o desenvolvimento das forças produtivas, haverá uma primeira grande divisão: o comunismo primitivo e a civilização, a partir de quando o ser humano se torna independente da produção de alimentos. A civilização se subdivide nas sociedades Asiática, Escravista, Feudal, Capitalista e Socialista.

Para dar embasamento teórico à temática tratada neste trabalho optou-se por tratar apenas a duas últimas: Capitalista e Socialista. Os demais serão registrados em forma de síntese. Portanto:

- *Modo de Produção Asiático* – surgimento da civilização e da exploração: surgimento embrionário de instituições orientadas para a manutenção, o controle e a reprodução da ordem social e material então existente;
- *Modo de Produção Escravista* – o surgimento da propriedade privada e das classes; na estrutura social do modo de produção escravista, aparecem, pela primeira vez, as classes bem definidas: existem os proprietários de terras, os senhores, os comerciantes e os escravos;
- *Modo de Produção Feudal* – convencionou-se chamar de Idade Média: No sistema feudal o “senhor” é proprietário da terra, com os homens que a trabalham.

Vale ressaltar que as características expostas acima de forma muito breve servem para nossa pesquisa pois dizem respeito ao modo de produção vigente e ao desenvolvimento do trabalho.



### 4.2.1 O Modo de Produção Capitalista

O modo de produção capitalista significou uma revolução colossal na produção e em todos os aspectos da vida social. Desenvolveu mais fontes de energia que todos os demais modos de produção juntos.

Para Marx e Engels (2003):

A burguesia desempenhou uma função extremamente revolucionária na História (...) afogou os êxtases mais celestiais do fervor religioso, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimento filistino, nas águas glaciais do cálculo egoísta (...) converteu o médico, o advogado, o sacerdote, o poeta, o homem da ciência em seus outros tantos assalariados (...) criou maravilhas muito superiores às pirâmides do Egito, aquedutos romanos e catedrais góticas. A burguesia confere um caráter cosmopolita à produção e consumo de todos os países pela exploração do mercado mundial. As velhas indústrias nacionais foram, e ainda são todos os dias destruídas. Vêm-se suplantadas por novas indústrias (...) que já não empregam matérias-primas indígenas, mas as vindas das regiões mais remotas, cujos produtos se consomem não só no próprio país, mas também em todas as partes do globo. E o que se aplica em referência à produção material, não é menos exato à produção do espírito (...) das numerosas literaturas nacionais e locais nasce uma literatura universal.

Entre 1770 a 1830 se produziu a primeira revolução industrial, com a introdução da energia a vapor e das máquinas-ferramenta; com isso, teve início o período da grande indústria e a burguesia adquiriu pleno domínio. Esta revolução alicerçou-se no desenvolvimento de novas técnicas, que mudaram de forma gigantesca a relação de exploração do homem sobre a natureza. O predomínio rural dá espaço à grande indústria. A relação entre as classes também se altera. Na estrutura da sociedade capitalista, as duas classes principais e antagônicas são a burguesia e o proletariado.

Depois continuou a haver avanços colossais, na denominada “segunda revolução industrial”, entre meados do século XIX e meados do século XX, como as novas fontes de energia (a eletricidade, o petróleo, o aço, a indústria química etc.), a invenção do automóvel, navios de aço movidos a vapor, os tratores, a maquinaria agrícola, os aviões, etc. O modo de produção capitalista se estendeu ao mundo todo e se transformou num sistema mundial. No século XX, com a cibernética, robótica, informática, os foguetes, a petroquímica, a eletrônica e outros avanços, se produziu a chamada “terceira revolução industrial”.

Na superestrutura, no primeiro momento, no qual se combina o feudalismo com o modo de produção capitalista, aparecem as monarquias absolutas, também chamadas de “despotismo esclarecido”. São regimes muito fortes, que arbitram entre a nobreza e a burguesia.

Após, surgiu claramente o Estado Capitalista, com regimes que aniquilaram os privilégios da nobreza e concederam aos *cidadãos* o direito de eleger seus governantes.

No século XVII, ocorreu a grande revolução inglesa, que impôs o regime da monarquia parlamentar, que se mantém até os dias atuais. No final do século XVIII, se produziu a grande revolução francesa, que originou o primeiro regime republicano, a democracia burguesa parlamentar.

#### **4.2.2 Modelos de Produção do Sistema Capitalista**

Na primeira metade do século passado, houve o taylorismo<sup>10</sup> em termos gerais: teoria chamada de “Administração Científica”, em que se buscava uma indústria com a máxima produtividade em intervalo temporal mínimo. Além disso, a via como um sistema fechado, mecânico e previsível; sua principal característica foi a decomposição da produção, em que o trabalhador não tinha mais conhecimento sobre o produto, apenas executava sua parte. Essa característica é base inspiradora para muitos sistemas de ensino durante um vasto período da História.

Após, o fordismo<sup>11</sup>: com base nos princípios de padronização e simplificação do taylorismo, acrescentou a esta teoria o aperfeiçoamento da linha de montagem, da mecanização e a elevada especialização do trabalho; aprimorou a hierarquização do sistema produtivo, como forma de intensificar as relações de subordinação do trabalhador ao empregador.

O Taylorismo e o Fordismo eram os modelos de produção utilizados pelo capitalismo, posteriormente, houve a superação desses modelos pelo toyotismo.

---

<sup>10</sup> Teoria elaborada pelo engenheiro norte-americano Friederich Winslow Taylor (1856-1915)

<sup>11</sup> Teoria elaborada pelo norte-americano Henry Ford (1863-1947)

O Toyotismo<sup>12</sup> em grosso modo foi uma maneira de superar a crise do taylorismo/fordismo. Esse modelo caracteriza-se pela especialização flexível, com o objetivo de responder às múltiplas demandas de um mercado segmentado, no qual a rígida automação fordista se mostrava ineficaz. Passou-se a se exigir do trabalhador uma multifuncionalidade, isto é, realizar diversas tarefas. O modelo toyotista, expandiu-se mundialmente após a década de 70, tinha uma visão de empresa mais horizontal, o que tornava menos nítida a definição empregado e empregador. O Ocidente incorporou imediatamente este novo modo de organização da produção capitalista.

#### **4.2.3 Modo de Produção do Estado Operário<sup>13</sup>**

Mesmo que diversos autores façam a divisão dos modos de produção incluindo o Modo de Produção Socialista, na verdade, o que se presenciou na URSS foi um Estado de transição não capitalista. Desta forma, no presente trabalho será denominado como Estado Operário, por considerar esta definição mais precisa com os acontecimentos do Leste Europeu.

Este Estado que surge a partir da Revolução Russa de outubro de 1917 e é, pela primeira vez, um Estado que não serve à exploração por parte da classe exploradora dominante no mundo, a burguesia imperialista. Por isso, é um estado provisório, transicional, que precisa avançar até o socialismo no mundo todo, alcançando assim o desaparecimento do Estado ou então retroceder, novamente, ao capitalismo.

Elabora Trotsky (2005, p.79):

[...] O Estado adquire imediatamente um duplo caráter: socialista, uma vez que define a propriedade coletiva dos meios de produção; burguês, já que a repartição dos bens tem lugar segundo padrões de valor capitalistas, com todas as consequências que decorrem de tal fato. Uma definição tão contraditória espantará talvez os dogmáticos e os escolásticos; nada mais nos resta se não exprimir-lhes os nossos pêsames. [...]

---

<sup>12</sup> O toyotismo (ou modelo japonês) surge no Japão após a Segunda Guerra Mundial.

<sup>13</sup> Conceito utilizado conforme elaboração de Leon Trotsky, no livro *A Revolução Traída* (2005, p.79), no que se refere ao duplo caráter da URSS.

Se o socialismo triunfasse no mundo inteiro, desapareceriam as classes sociais e, com elas, a exploração. Não seriam necessárias forças armadas, nem polícia, nem as normas jurídicas institucionais, nem governo. Neste caso, não seria necessária a sobrevivência do Estado, pois seria o povo, em seu conjunto, a cumprir todas as tarefas de administração, controle e condução da sociedade, como fizeram, durante mais de um milhão de anos, as tribos primitivas.

#### 4.3O CARÁTER DO ESTADO

O Estado não é algo neutro, imparcial, que protege toda a sociedade. O Estado defende a classe ou setor que explora o resto da sociedade. Na selvageria e na barbárie, quando a sociedade humana não se dividia entre exploradores e explorados, não havia Estado.

O Estado é a materialização do domínio de um determinado grupo social sobre os demais. A História da civilização é a história do Estado e das relações sociais de produção existentes em seu interior e explicitada por sua superestrutura.

O resultado desta contradição ocorrerá pela ruptura, ou seja, pela superação revolucionária das relações de produção existentes, ou pela destruição consciente de forças produtivas.

Marx e Engels (1986) afirmam que o “Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa”. O caráter do Estado se define, então, pela classe exploradora que o utiliza para manter a exploração sobre as outras classes.

### **5 ARTICULANDO ECONOMIA – TRABALHO – EDUCAÇÃO: FRENTE À CRISE ESTRUTURAL DO CAPITALISMO**

Este capítulo tem o objetivo de expor alguns dos elementos que ocasionaram o que, atualmente, temos chamado de Crise Estrutural do Capitalismo, ou seja, utilizando os principais conceitos e estudiosos dos temas a seguir, queremos elaborar

um paralelo entre a crise até a educação, especificamente a EJA e seu significativo público adolescente.

Talvez possa parecer que estas coisas estão muito distantes, mas queremos aqui expressar por que compreendemos que estão intimamente ligadas.

Diferente de todas as crises anteriores - ditas cíclicas - é na década de 1970 que muitos estudiosos começam aponta-la como a crise mais acirrada do sistema capitalista e passam a considerá-la como a crise estrutural do capitalismo. A novidade histórica é constituída por 4 aspectos, segundo Mészáros (2011, p. 795-796):

- (1) seu *caráter* é *universal*, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não àquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.);
- (2) seu *alcance* é verdadeiramente *global* (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado);
- (3) sua *escala de tempo* é extensa, contínua, se preferir, *permanente*, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital;
- (4) em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado, seu *modo* de se desdobrar poderia ser chamado de *rastejante*, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na “administração da crise” e no “deslocamento” mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia.

Nesse sentido, a crise deixa de ter aspectos cíclicos, como tem sido chamado ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista, e passa ser compreendida como estrutural ou, até mesmo, *permanente*<sup>14</sup>.

A partir de 1973 surge uma nova crise na economia capitalista. Esta se expressou no forte aumento dos preços do barril de petróleo, empurrado simultaneamente pela queda das reservas e da produção dos Estados Unidos; pelo conflito bélico árabe-israelense e pela pressão dos países da OPEP<sup>15</sup> para melhorar sua participação na renda petrolífera.

A queda tendencial da taxa de lucros, descrita por Marx, voltou a se explicitar na economia capitalista. Para enfrentar a nova crise, o capital imperialista ataca o modelo fordista, os limites dos mercados nacionais e os direitos e conquistas dos trabalhadores. Os governos burgueses do mundo inteiro passam a aplicar os

---

<sup>14</sup>MÉSZAROS, Istvan. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo, Boitempo, 2011.

<sup>15</sup> Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

conselhos da “Escola de Chicago”. Inicia-se a liquidação do “Estado empresário”, privatizam-se as empresas estatais, elimina-se o “Estado de bem estar social”, reduz à mínima expressão possível os serviços públicos e “desregulamenta” a economia e as travas tarifárias e legislativas.

Ao mesmo tempo, atacaram as conquistas dos trabalhadores da época do boom econômico<sup>16</sup>. Houve redução de salários e endurecimento das condições e ritmos de trabalho. Podem-se resumir estas mudanças em: reestruturação produtiva, globalização e neoliberalismo com todas suas políticas de privatizações, terceirizações e parcerias público-privadas.

## 5.1 AS POLÍTICAS DA CRISE E SUAS RELAÇÕES COM TRABALHO E EDUCAÇÃO

Primeiramente, faz-se necessário explicar que os conceitos desenvolvidos a seguir serão: globalização, reestruturação produtiva e brevemente o Toyotismo, assim como sua relação com a Educação. Por fim, ainda uma breve e importante reflexão com base no neoliberalismo e na flexibilização.

O termo globalização é utilizado com significados diversos e, muitas vezes, imprecisos para designar as transformações que ocorreram na economia mundial a partir da década de 1970.

A burguesia em seus meios de comunicação e educação costumam apresentá-la como o “progresso”, algo “inevitável”, o nascimento de um mundo homogêneo e sem fronteiras.

No entanto, para fazer parte deste belo e avançado mundo que a globalização nos apresenta, tem-se que fazer alguns “sacrifícios” para se “adaptar”. E não há como resistir, uma vez que não se pode opor-se ao “progresso”. Essas são ideologias que costumamos ouvir diariamente, como uma forma de defender e justificar a desregulamentação, as privatizações, a flexibilização do trabalho, as demissões em

---

<sup>16</sup> Elaborado na Conferência de Breton Woods foi um fator importante para o “boom econômico do pós-guerra”, que foi até o final dos anos 60 e início dos 70. Neste houve, simultaneamente, bons índices de crescimento econômico, taxas de lucro satisfatórias e uma melhora do nível de vida nos países imperialistas e outras regiões.

massa, os ataques à previdência e as conquistas que os trabalhadores alcançaram através de muitas lutas sociais.

Pode-se sintetizar os aspectos fundamentais da “globalização” da seguinte forma: a) “globalização” produtiva e comercial com a criação de blocos econômicos, aumento da concorrência dos monopólios em todo o mundo, o enfraquecimento dos mercados internos e o fortalecimento dos mercados regionais e mundiais; b) “globalização” financeira, que aumenta o predomínio do capital financeiro, com fortes características especulativas e parasitárias; c) reestruturação produtiva, com o término do fordismo e a incorporação de novas formas de organização do trabalho, conjuntamente com enormes transformações tecnológicas, em especial a telemática, a cibernética e as biotecnologias de engenharia genética; d) reformas no Estado, que transferem repasses da educação, saúde e previdência à iniciativa privada; e) ampliação da concentração do capital, através dos oligopólios mundiais; f) aumento da colonização dos países imperialistas sobre os países pobres; g) uma gigantesca liberdade para o capital, com abertura de fronteiras, a desregulamentação e a flexibilização do trabalho; h) ataques às condições de vida dos trabalhadores, com redução de salários, desemprego estrutural, a perda de conquistas sociais; i) o neoliberalismo é sua expressão política, econômica e ideológica.

É de suma importância compreender que a “globalização” do capital, assim como todos os fenômenos, passados e atuais do capitalismo, está relacionada com os conflitos entre as classes, com as relações de exploração, dominação e luta entre as classes sociais. Em outras palavras, interligam-se às relações internacionais entre o imperialismo e as classes, setores sociais e nações que dominam e exploram. E a relação entre o capital e trabalho está no centro destas relações de dominação e exploração.

O desemprego aumenta e torna-se estrutural. Substitui o caráter temporário e cíclico do exército industrial de reserva, por permanente. O avanço da técnica, ao estar amarrado na camisa de força do modo de produção capitalista torna-se desemprego. Aumenta-se o trabalho informal, o trabalho infanto-juvenil, a exploração e a pobreza.

Uma das principais características da globalização é o ataque ao nível de vida dos trabalhadores. A incorporação de novas tecnologias e uma nova organização do trabalho poderiam se reverter num crescimento geral das forças produtivas e num

aumento do nível de vida dos trabalhadores. No entanto, torna-se num ataque à principal das forças produtivas, a força de trabalho.

A reestruturação produtiva é um fenômeno que se desenrola principalmente na microeconomia, refere-se às transformações estruturais no âmbito da produção e do trabalho. E segundo Filgueiras (2012), pode ser vista sob dois aspectos:

No primeiro, a partir de uma ótica setorial, ela se expressa na reorganização e reconversão de setores industriais, que se caracterizam pela realização de grandes investimentos nos setores de ponta (informática, química fina, novos materiais, biotecnologia, telecomunicações), pela modernização de setores dinâmicos (automobilístico, máquinas e equipamentos, petroquímica) e pelo declínio de setores tradicionais (siderurgia, têxtil). E no segundo, tendo por referência o processo de trabalho, ela se concretiza na adoção de um novo paradigma tecnológico e organizacional, com a introdução, por um lado, de novas tecnologias de base microeletrônica, (automação informatizada) e, por outro lado, a introdução de novos padrões de gestão/organização do trabalho (o modelo Japonês); acompanhados por um processo de individualização das relações estabelecidas entre capital/trabalho, com o conseqüente enfraquecimento do sindicato.

Os processos de reestruturação produtiva e de globalização, sob inspiração e hegemonia do grande capital internacional, de instituições multilaterais e dos governos imperialistas, se constituíram em resposta à crise do fordismo.

Já foi abordado o Toyodismo no presente trabalho. Porém acredita-se ser necessário um enfoque mais abrangente. Desta forma, são características básicas do toyotismo: a) produção é flexível, de acordo com a demanda; b) ao contrário da produção em série do fordismo que cria sua própria demanda; c) o parcelamento do processo de produção em série do fordismo dá lugar à polivalência - o mesmo trabalhador controla várias máquinas, faz o controle de qualidade, manutenção, pequenos reparos e limpeza das máquinas; d) a horizontalidade da produção, com a contratação de empresas terceirizadas para fazer as tarefas, os trabalhadores terceirizados recebem salários menores e não possuem os mesmos direitos, assim acarreta uma maior divisão dos trabalhadores e facilita maior superexploração dos mesmos; e) a produção com estoques mínimos; f) gestão participativa, que busca ganhar a consciência dos trabalhadores para a competição junto com a direção da empresa, tem por objetivo passar a ideia de uma grande família, criam-se círculos de controle de qualidade, que incorporam os trabalhadores na busca de melhorias contínuas do processo produtivo, desta forma, dá-se a sensação de reduzir a distância entre o trabalhador e o departamento técnico; g) ataque a todas as formas de



organização independente dos trabalhadores, por meio de cooptação e/ou repressão aos sindicatos e sindicalistas combativos.

Atualmente, a classe trabalhadora sofre uma série de ataques. Há a diminuição do poder de compra do salário, flexibilização de direitos, através da terceirização, do banco de horas etc. Houve o fim dos Estados de Bem Estar Social, a enorme crise que ocorreu após o boom econômico, o fim dos Estados Operários do Leste Europeu, e o neoliberalismo que expande-se com enorme rigor enquanto projeto econômico, político e social. Estes acontecimentos afetaram fortemente o mundo do trabalho.

Para os neoliberais a crise da década de 1970 era produto de décadas de políticas keynesianistas<sup>17</sup> e do excesso de dinheiro injetado pela intervenção do Estado, cujas consequências negativas seriam corrigidas com “planos de ajustes” dos orçamentos estatais e a “reestruturação” dos sistemas econômicos e produtivos.

Em síntese, pode-se dizer que o neoliberalismo é a falsa ideia que tenta transferir a crise ao Estado, retirando-a do Capitalismo. As políticas públicas advindas daí são verdadeiros ataques aos direitos da classe trabalhadora, sobretudo as áreas sociais, as mais afetadas. Gerando assim, cada vez mais desigualdades e exclusão, porque sob a premissa de que o problema é o Estado ‘social’, a gestão neoliberal do aparelho de Estado precariza, terceiriza e privatiza a esfera pública. Fundamentalmente amplia o repasse de fundo público para o capital, destituindo de direitos a classe trabalhadora.

No Brasil, neste ano de 2015, a classe trabalhadora vem sofrendo uma série de ataques no que tange os direitos e políticas sociais. O governo tem chamado de “Ajuste Fiscal”, mas, na prática, tem significado mais desemprego, ataques aos direitos previdenciários e trabalhistas, arrocho salarial e cortes em todas as verbas sociais: saúde, educação, moradia e nos investimentos públicos.

---

<sup>17</sup> Economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946), opositor da visão de Adam Smith, acreditava que o funcionamento natural do mercado, definido pelo interesse individual dos empresários, gerava profundos desequilíbrios e deformações do sistema, produzindo crises, como a de 1929.

Na Educação estima-se que o corte chegará a R\$ 7 bilhões<sup>18</sup>, segundo Informativo Especial do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES/SN.

Pode-se considerar que no bojo do processo de reestruturação produtiva, avanço do neoliberalismo e do toyotismo, a burguesia, em nome da competitividade, requer uma maior “flexibilidade” nas relações de trabalho e tem seus reflexos no campo da educação, uma vez que é necessário ensinar um novo modo de agir, sentir, trabalhar, etc.

Acácia Kuenzer (2005) retoma as análises elaboradas por Gramsci acerca do papel do disciplinamento necessário ao modelo de trabalhador:

[...] Mudadas as bases materiais de produção, é preciso capacitar o trabalhador de novo tipo, para que atenda às demandas de um processo produtivo cada vez mais esvaziado, onde a lógica da polarização das competências se coloca de forma muito mais dramática do que a ocorrida sob o taylorismo/fordismo. E a ele se submeta, compreendendo sua própria alienação com resultante de sua prática pessoal “inadequada”, para o que contribuem os processos de persuasão e coerção constitutivos da hegemonia do capital.

Mudam as capacidades, agora chamadas de “competências” no âmbito da pedagogia toyotista, que se deslocam das habilidades psicofísicas para o desenvolvimento de competências cognitivas complexas, mas sempre para atender às exigências do processo de Neste sentido, as ferramentas que buscam superar os obstáculos decorrentes da fragmentação do trabalho, em particular no que diz respeito a todas as formas de desperdício, tais como a multitarefa ou o controle de qualidade feito pelo trabalhador, têm, antes a finalidade de evitar todas as formas de perda e assim ampliar as possibilidades de valorização do capital, do que reconstruir a unidade rompida. [...]

Como vimos, historicamente, a Educação está intimamente ligada ao Trabalho e a Economia no Brasil, podemos perceber isto nos períodos históricos, desde Brasil colônia: com os Jesuítas e a educação distinta aos nobres (leitura, escrita, matemática) e aos índios (apenas, religião/catequização); Brasil Império: com os reflexos das Revoluções Industriais foi imposta à escolarização inicial aos trabalhadores por conta do uso da maquinaria até o Brasil República, composto tanto pelos reflexos das revoluções industriais quanto pelos reflexos e respostas à crise

---

<sup>18</sup>Disponível em:

<[https://grevenasfederaisandes.files.wordpress.com/2015/05/versc3a3ovirtual\\_informandesespecial\\_setordasifes.pdf](https://grevenasfederaisandes.files.wordpress.com/2015/05/versc3a3ovirtual_informandesespecial_setordasifes.pdf)>. Acesso em jun. 2015.

estrutural do capitalismo. Em todas as épocas percebe-se/reforça-se a divisão do trabalho intelectual e braçal

Segundo, Fonseca (2008):

Como parte da esfera superestrutural, a educação relaciona-se umbilicalmente com o processo de trabalho e a economia – como o modo de produção e necessidades do processo de acumulação do capital. Essencialmente por isso, na medida em que ocorrem as nomeadas revoluções industriais centradas em reestruturações produtivas são alterados os processos de trabalho e novas tarefas vão sendo definidas para a educação, escolar e profissional. (p.77)

Por mais que após a chamada “3ª Revolução Industrial” e o padrão flexível de acumulação tenham se impulsionado mudanças na Educação profissional,

Agora, no padrão de acumulação por *despossessão* (Harvey, 2004), a marca está na generalidade e superficialidade da educação básica, da formação profissional (incluída a educação superior, vide *Diretrizes Curriculares Nacionais* da Pedagogia, por exemplo). Tendo acordo com o conceito de o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo (Trotsky, 2003), todas essas possibilidades do padrão de acumulação e, por consequência, dos imperativos para a formação humana e profissional convivem num mesmo tempo histórico e numa mesma formação social. A relação centro/periferia dá-se entre países e no interior de cada um. Assim é, também, o caso brasileiro. (FONSECA, 2008, p.76 grifo meu)

Sabe-se que a Educação não acontece somente na escola. Sabe-se, também, que a mesma não é neutra, pois se trata de um processo complexo de intencionalidade, seja pela perspectiva da escola com seu formato e regras; do currículo com suas disciplinas e teorias; dos planos e cronogramas de aula com suas matérias ou temas geradores; das organizações das cidades, seja pelo modo de produção e seu modo de acumulação, que define qual tipo de educação, de sujeito e de profissional que será formado.

Em relação ao trabalho dos profissionais da Educação frente a este contexto social, Kuenzer (2005) indica:

Em síntese, é necessária mas não suficiente a ampliação do trabalho dos profissionais da educação, posto que, se não fundamentado nas categorias de uma pedagogia emancipatória que tenha como finalidade a superação da contradição entre capital e trabalho, pode simplesmente corresponder à substituição do trabalhador especializado do taylorismo/fordismo pelo trabalhador multitarefa, e nem sempre criativo e autônomo, mas simples tarefeiro em ações esvaziadas de conhecimento técnico e de compromisso político com a transformação, formal e realmente subsumido pelo capital, tal como no toyotismo. Por isto não basta a unificação no âmbito da formação; é preciso que esta se dê a partir das categorias que historicamente têm se construído no campo da pedagogia emancipatória, articulada às demais formas de destruição das condições materiais que geram a exclusão.

Todos esses aspectos se materializam na crescente precarização dos locais de ensino, sejam escolas, universidades, institutos. A falta de condições de trabalho, o descaso com o plano de carreira dos profissionais, entre outros aspectos são uma realidade da educação pública.

## 6 METODOLOGIA

Ao concordamos com o fato de que a realidade é algo mutável, concordamos que é possível deoat, criticar, elaborar e transformar os discursos e práticas atuais. A escolha metodológica não é neutra, tão pouco gratuita; ao contrário, é parte fundamental de uma escolha/resistência.

Em meados do século XIX Marx e Engels, entre tantas outras contribuições essenciais à compreensão da sociedade, também o fizeram em relação a produção de conhecimento:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX e ENGELS, 2007, p. 78)

Entendendo que a universidade reflete em si, sobretudo na produção de conhecimento, a luta de classes cotidiana da sociedade classista, sendo assim, dentro das disputadas travadas nas academias, como bem aponta Frigotto (2011, p.26), situa-se um debate mais fundamental, de caráter ético-político, que diz respeito ao

papel da teoria na compreensão e transformação do modo social mediante o qual os seres humanos produzem sua existência.

A escolha pelo campo Trabalho-Educação se dá nesse contexto, uma vez que a pesquisa é pautada na perspectiva histórica e vinculada às formas de “produção material da existência ou formas sociais de produção da “sobrevivência”, presentes no movimento e nas lutas sociais e nos processos de formação humana” (FRIGOTTO, 2011, p.47).

Posto desta forma, compreendendo além do nosso campo de pesquisa, os sujeitos, no nosso caso, a adolescência e a juventude da classe trabalhadora, no contexto da escola pública, bem como, a riqueza no campo empírico; anunciamos que a metodologia utilizada foi a Revisão da Produção Acadêmica Discente através do mapeamento dos trabalhos e, posteriormente, a análise dos mesmos na perspectiva quanti e qualitativa. Como já foi informado, esta pesquisa foi realizada nos Trabalhos de Conclusão de Curso de Especialização FAGED-UFRGS, na área das Ciências Humanas, especificamente, no curso de EJA e Privados de Liberdade, disponíveis no Repositório Digital LUME-UFRGS.

Primeiramente, vale ressaltar que tal organização metodológica foi realizada com base em trabalhos anteriores, de conclusão de curso<sup>19</sup> e dissertação de mestrado, localizados em revisão acadêmica dos trabalhos discentes do Grupo Trabalho Formação Humana, coordenado pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Laura Souza Fonseca.

A seguir, a descrição de como realizamos a construção dos mapeamentos dos cursos referidos. Esse movimento inicial foi realizado nos cursos de graduação e de especialização da mesma forma. Inclusive, os produtos destes mapas constam no final deste trabalho, como apêndices.

A forma como realizamos o mapeamento das produções visa não somente uma apreciação das obras ou relevar apenas os aspectos quantitativos, ao contrário, utilizamos estes como critérios para nossa análise qualitativa.

Elegemos quatro descritores, pilares do nosso trabalho, como filtros à primeira classificação do mapeamento, são eles: *Educação de Jovens e Adultos; Adolescentes*

---

<sup>19</sup> GOMES, Martina Pereira. Educação e Trabalho Infante-juvenil – um recorte no Estado da Arte. (2010);  
LOPES, Deisiane dos Santos. A Formação de Professores em EJA nos TCCs da FAGED/ UFRGS: repercutindo o currículo novo da Pedagogia. (2012);  
GOMES, Martina Pereira DISSERTAÇÃO

(*cia*); *Juventude*; *Trabalho*. Selecionamos os trabalhos através da leitura e filtro a partir dos títulos, assuntos, palavras-chave e resumos, seguindo os conceitos de “aderência e alinhamento”, instruídos por Vianna, Enssli, Giffhom (2011).

Dessa maneira, no momento da leitura, algumas produções já foram sendo descartadas por não corresponderem diretamente à nossa pesquisa. Ou seja, embora estivessem como resultados encontrados a partir da busca pelos descritores na ferramenta, não eram compatíveis com nosso trabalho. Muitos apenas estavam ali porque continham a expressão/palavra ao longo do texto, não por tratarem o assunto. Cabe a crítica à ferramenta de busca e a falta de regulamentação dos itens de catalogação, ou seja, os resumos não são regulares, as palavras-chave se repetem nos títulos, os assuntos ora são repetições, ora são o item determinante da busca. Estes elementos prejudicam a pesquisa, que deve compreender a flexibilidade e o rigor teórico que se exige para o mapeamento eletrônico das produções.

Ainda é válido explicar que esta seleção inicial leva em consideração as hipóteses que temos acerca do objeto de pesquisa, portanto, nossa primeira amostra conta com trabalhos que tratam tanto especificamente do nosso objeto de pesquisa, quanto com trabalhos que para nós indicam temas que são hipóteses na nossa construção.

Adiante, sobre nosso *desenho metodológico* (Lima e Miotto, 2007), este “se dá através da disposição das etapas de investigação, que após serem descritos devem vir acompanhados da delimitação do objeto de estudo e das apresentações das técnicas a serem utilizadas” (LIMA e MIOTTO, 2007). Nesse sentido nossos procedimentos são: 1) mapeamentos do campo empírico; 2) seleção das produções; 3) leitura na íntegra; 4) análise das produções e discursos; 5) sistematização das concepções e trechos para análise; 6) reflexão e diálogo com as obras (elaborações sobre o campo estudado).

Afim de compreender como estão contextualizados os trabalhos e organizadas as ideias e concepções dos autores, ou seja, ler o que está escrito, *mas também captar o que não dizem* (SHIROMA, CAMPO, GARCIA, 2005, p.439). Nesse sentido, como aponta, Orlandi (1999, p. 59),

a análise dos discursos funciona como um dispositivo de interpretação para colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

O mapeamento foi sistematizado num quadro de exposição das obras, com as informações seguintes: título, autor, ano, descrição física, tipo/curso, assuntos, descritor (es), palavras-chave e resumo.

A leitura foi sintetizada num quadro descritivo de análise, com a seguinte estrutura: metodologia, instrumentos, referenciais/marcos teóricos, principais concepções e principais ideias, esta última com recorte de trechos do trabalho.

Vejamos os resumos dos mapeamentos das produções por área.

#### 6.1 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES DO CURSO DE PEDAGOGIA/UFRGS

A tabela abaixo apresenta o resultado do mapa dos Trabalhos de Conclusão de Curso da Pedagogia/UFRGS, no período que abrange a partir da última reformulação curricular, portanto, a partir do ano de 2007 até agora - 2015.

<b>MAPA POR DESCRITOR - PEDAGOGIA</b>	
Educação de Jovens e Adultos	78
Adolescentes (cia)	76
Juventude	29
Trabalho	17

<b>ARTICULANDO OS DESCRITORES ACIMA</b>
<b>Total de trabalhos localizados: 60 TCC's</b>

Para que conste, não realizamos análises mais profundas destes trabalhos, porém a tabela acima é uma forma de registro do material inicialmente coletado. Além disso, poderá servir para futuros estudos, a sistematização completa dos 60 trabalhos está organizada no quadro de análise descritivo, que encontra-se como apêndice deste trabalho (Ver Apêndice C).

Como já explicitado, não nos aprofundamos nesta área porque escolhemos debruçar nossos estudos nas produções do curso de especialização. No entanto, o que podemos perceber mesmo nesta aproximação inicial foi uma escassez na elaboração sobre a temática neste curso de graduação, uma vez que num universo com mais de 662 TCC's<sup>20</sup> apenas 60 trazem de alguma forma articulados os conceitos que pesquisamos. Quando filtramos mais precisamente a adolescência na EJA chegamos a números ainda menores. Contudo, vale ressaltar que o limite temporal que disponibilizamos é outro aspecto relevante para não aprofundarmos nossas análises nestes trabalhos.

## 6.2 MAPEAMENTO DAS PRODUÇÕES DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÕES – CIÊNCIAS HUMANAS

A tabela abaixo apresenta o mapeamento inicial realizado no curso de Especialização/UFRGS, na área das Ciências Humanas.

MAPA POR DESCRITOR - ESPECIALIZAÇÃO	
Educação de Jovens e Adultos	26
Adolescentes (cia)	24
Juventude	13
Trabalho	6
<b>Total:</b> 69 TCC's	

Como indicado acima, estes 69 TCC's foram localizados a partir da busca por descritor, compondo nosso primeiro passo. Após, partimos para a pesquisa articulando os descritores, ou seja, filtrando mais a busca do nosso foco. Neste segundo mapa, localizamos 29 trabalhos que se aproximavam do nosso campo (adolescentes e EJA). Vale afirmar que nestes primeiros passos consideramos

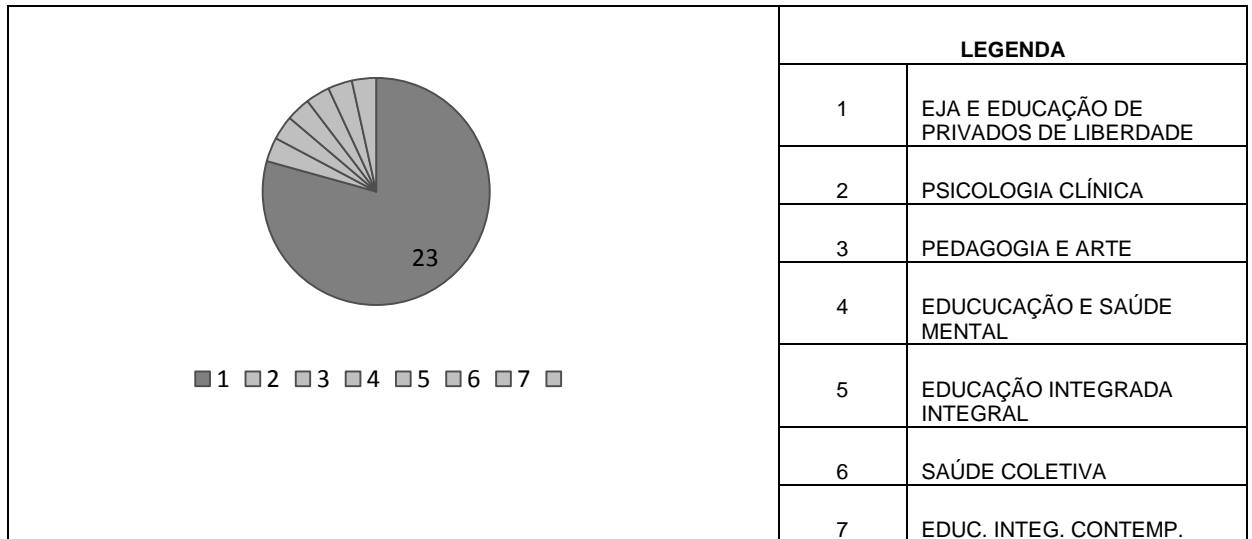
---

<sup>20</sup> Fonte: LUME UFRGS – pesquisado em Julho/2015.



trabalhos que, em certa medida, vemos como hipóteses e contextos, mas que tem o foco em outros aspectos, como as questões de gênero, do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), do currículo, entre outros. (Ver Apêndice B).

O gráfico que segue resume este segundo movimento:



Como é possível visualizar, dos 29 trabalhos selecionados, 23 são do Curso de Especialização em EJA e Educação de Privados de Liberdade, isto nos apresenta, de imediato, a importância de um curso sobre tal temática, bem como materializa o nosso recorte de pesquisa.

Depois desta breve análise quantitativa, partimos para a escolha das produções que iremos analisar. Como base na leitura dos materiais e em nosso objetivo de pesquisa, selecionamos 5 TCC's, pelos critérios dos objetivos estarem diretamente relacionados aos nossos e, também, por serem elaborações a partir da escola, ou melhor dizendo, da sala de aula. A seguir a listagem dos trabalhos selecionados:

<b>PRODUÇÕES SELECIONADAS PARA LEITURA ÍNTEGRA</b>
<p>1. Título: Adolescência na EJA: desafios e possibilidades            Autor (a): Jaqueline da Silva Alves            Ano: 2011</p>

<p>2. Título: O que eles querem? Representações de adolescentes sobre a EJA  Autor (a): Valesca dos Santos Gomes  Ano: 2011</p>
<p>3. Título: Adolescentes na EJA  Autor (a): Rosângela Piva da Silva  Ano: 2011</p>
<p>4. Título: Currículo e Identidades na EJAdolescente  Autor (a): Liege Teixeira  Ano: 2011</p>
<p>5. Título: A busca de novas relações na educação de jovens e adultos  Autor (a): Luciane Camboim Silva  Ano: 2012</p>

Uma vez selecionados estes trabalhos, procedemos à leitura na íntegra das produções, conforme já anunciado, analisando o conjunto de cada trabalho: identificando as metodologias, os instrumentos metodológicos, os principais referenciais teóricos, as principais ideias e concepções acerca de EJA; Adolescência/Juventude e Trabalho. O resultado desta análise descritiva está sistematizada no quadro de análise descritivo. Ver apêndice A.

Assim, compomos o quadro de análise descritivo e partindo do que encontramos e selecionamos de cada trabalho para nossa elaboração. Compreendendo o limite do nosso campo empírico, as condições temporais que (de)limitam nossa pesquisa, nosso objetivo enquanto a elaboração de um trabalho de conclusão de curso, e sem nenhuma pretensão de esgotar ou determinar conclusões finais sobre o assunto. Partimos para a tarefa de elaboração de uma breve síntese, dadas estas condições, que possa contribuir nos estudos sobre a Educação Pública, a EJA e sobre a adolescência e a juventude da classe trabalhadora.

## **7 O QUE EMERGE DO CAMPO?**

Antes de iniciarmos o que é anunciado neste capítulo, se faz necessário ressaltar que reconhecemos o limite do nosso campo empírico e delimitamos o limite de nossas análises, que respeitosamente, não serão necessariamente, a reprodução

fiel do pensamento do autor. Como dito anteriormente, a nós neste momento cabe uma leitura investigativa, que possa compreender aquilo que foi e, também, não foi escrito. Como bem explica Gomes (2010, p. 29)

Ao retirar das produções, tanto concepções centrais como ideias que percorrem o todo da obra, não temos como pretensão realizar uma reprodução fiel do pensamento do autor. Porém, realizamos nossas conclusões em base a trechos retirados das produções que no nosso entender dão conta da construção dos fenômenos em questão.

No quadro descritivo sistematizamos a metodologia, os instrumentos e os referenciais teóricos de cada produção, no intuito de compreender sobre quais marcos se deu a elaboração de cada trabalho. Também, para nos dar materialidade sobre os contextos que analisaremos.

Ainda no quadro descritivo, nos detivemos a sintetizar as principais concepções, não as tratamos como conceitos, por as compreendermos como expressões que indicam a leitura e a análise de cada autor sobre determinados assuntos, neste caso: EJA, Adolescência/Juventude e Trabalho. Inclusive, porque estas expressões nos auxiliam a entender a partir de qual vista estes autores elaboram suas produções.

Por fim, na última linha do quadro descritivo, nos debruçamos a analisar as principais ideias e elaborações de cada autor sobre a EJA, Adolescência/Juventude, Trabalho, ou seja, neste movimento analisamos os discursos e destacamos trechos que evidenciam a posição dos autores acerca do nosso objeto de pesquisa. Dessa forma, compusemos uma listagem de trechos retirados dos trabalhos, alguns destes trechos apresentaremos no corpo deste trabalho, o restante está disponível nos apêndices. (Ver apêndice A).

Conforme a metodologia que utilizamos e, seguindo, os procedimentos que anunciados, a seguir apresentamos uma síntese dos objetivos de cada trabalho e as concepções mais destacadas, no intuito de facilitar a compreensão do leitor sobre o pano de fundo da nossa investigação. A análise faremos em três blocos (divididos em subcapítulos), com foco na EJA – Adolescência/Juventude – Trabalho.

Dito isto, seguimos com as descrições e análises:

Primeiramente, ainda que não façamos maiores aprofundamentos, registramos agora algumas questões acerca da estrutura e organização dos trabalhos analisados. Uma primeira análise sobre a metodologia, os instrumentos e as

referências: a) metodologia que mais apareceu foi a pesquisa participante; os instrumentos mais utilizados foram os questionários e entrevistas semiestruturados e os principais teóricos foram: Freire, Carrano, Dayrell, Brunel, Sposito e Charlot.

O primeiro trabalho analisado foi *Adolescência na EJA: desafios e possibilidades*, da autora Jaqueline da Silva Alves, de 2011. O objetivo da autora foi compreender qual currículo daria conta dessa nova configuração da EJA. Analisando o currículo como uma totalidade que permeia desde as configurações de tempos e espaços, a formação dos profissionais, a relação entre professores-estudantes e o diálogo em sala de aula. A autora parte de um contexto delicado, em que os professores não conseguem trabalhar com os adolescentes em sala de aula, relata os tensionamentos e os movimentos que realizou primeiramente nela, nos professores e com o grupo de adolescentes.

As concepções recorrentes que aparecem ao longo do texto são: a *indisciplina, falta de limite/regras e sucessivos fracassos escolares*, acerca da adolescência/juventude; sobre a EJA: *Juvenilização, Afetividade, Currículo, Educação Popular, Planejamento Interdisciplinar, diferenças com o “Diurno”*; e sobre trabalho: *trabalho informal, falta de emprego e de possibilidades, também a importância do trabalho (assalariado)*.

O segundo trabalho analisado foi *O que eles querem? Representações de adolescentes sobre a EJA*, da autora Valesca dos Santos Gomes, de 2011. O objetivo da autora é detectar as representações dos adolescentes da EJA na faixa entre quinze e dezoito anos de idade acerca da modalidade de ensino (EJA), das características a eles atribuídas, dos motivos/razões para que os mesmos frequentem as aulas e se mantenham escolarizados. Na compreensão da autora isto é fundamental para desfazer pré-conceitos e preconceções e atender este grupo.

As principais concepções que localizamos, sobre adolescência/juventude foram: *preconceito (carga social negativa), repetências, mídias de informação e comunicação, afeto e desvalorização do sujeito como estudante*; sobre EJA: *escolarização, discriminações, práticas específicas à modalidade, valorização dos profissionais, autonomia, diferença entre noturno-diurno, juvenilização da modalidade*; sobre trabalho: *mercado de trabalho e a perspectiva de educação para um futuro melhor*.

O terceiro trabalho foi *Adolescentes na EJA*, da autora Rosângela Piva da Silva, de 2011. O objetivo da autora consistiu em saber o porquê os jovens matriculam-

se na Educação de Jovens e Adultos – EJA, quais os motivos que os levaram a frequentar esta modalidade de ensino. A autora reconhece a ineficiência do sistema escolar, que expulsa os adolescentes do ensino fundamental, mas também, segundo ela, esse convite à EJA somado com a vontade de terminar logo os estudos, muitas vezes desprezando o desejo de saber e da cultura.

As principais concepções que destacamos sobre Adolescência/Juventude: *evasão, a estrutura familiar, rebeldia, o convite a EJA, não sucesso escolar/insucesso, conflito cultural, as drogas e os desprezo pelo conhecimento; sobre a EJA: última chance de escolarização; juvenilização; necessidade de um currículo apropriado, mais diálogo e as especificidades do diurno e noturno; sobre trabalho: trabalho informal (bicos), ligado à reprovação escolar.*

O quarto trabalho foi *Currículo e Identidades na EJA adolescente*, da autora Liege Teixeira, de 2011. O objetivo era compreender e acompanhar a dificuldade de muitos jovens concluir o seu Ensino Fundamental, a própria permanência, num contexto de exclusão recente. Uma das possibilidades que encontrou foi a organização curricular que não atende os jovens que voltam a escola com suas urgências próprias.

As concepções que mais se destacaram referente a adolescência/juventude: *juventude sem perspectiva social, manifestações culturais, indisciplina, diversidade, convívio social, displicentes; em relação a EJA: Juvenilização, Currículo, diurno/noturno, analfabetismo, flexibilidade curricular, marginalizados, afeto. Ideologia, mão de obra qualificada, desenvolvimento econômico, assistencialismo e conservadorismo; e sobre trabalho: Profissão, mundo do trabalho e um dos fatores de afastamento da escola.*

O último trabalho foi *A busca de novas relações na educação de jovens e adultos*, da autora Luciane Camboim Silva, de 2012. Cujo objetivo foi compreender as relações com o saber que se formam entre os alunos, professores e escola, em diferentes ambientes, a partir do ingresso cada vez maior de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também, para apontar alternativas que direcionem as ações educativas nesta modalidade de ensino e com este público específico.

Principais concepções sobre a adolescência/juventude: *desconforto docente em relação a estes, imaturidade, repetência, descaso com o conhecimento e instituição, conflitos, rebeldes, pré-classificados ao fracasso, última chance de reverter*

*condição social, indisciplina, sentimentos, independência; sobre a EJA: juvenilização; afetividade; analfabetismo; relações de trocas; diurno/noturno; flexibilidade de ensino; planejamento; sucateamento da educação, carga horária excessiva; sobre trabalho, destacam-se: trabalho alienado, mercado de trabalho, trabalho informal, conhecimento profissional, independência financeira, auxílio à família, falta de emprego, trabalho doméstico e diferença de gênero.*

Posto isso, agora vamos nos deter a realizar nossa análise sobre que sujeito emerge deste campo: como e quais são as perspectivas vistas a respeito do adolescente, do jovem, seu lugar na sociedade, na escola, entre outros aspectos. Assim como, faremos uma reflexão a partir dos contextos e de como percebemos os movimentos de superação e de transformação possíveis dentre tantos limites.

Sendo assim, para organizar a escrita, como já anunciado dividimos em três blocos de análise, separados por subtítulos, são eles: 1) quais são os movimentos que percebemos no sentido de valorização/desvalorização da EJA?; 2) qual/Como são referenciadas adolescência/juventude e seus sujeitos?; 3) como está sendo percebida a relação trabalho-educação? (entendida sob a dupla face do trabalho, ora constituidora, ora exploradora do homem). Faremos estas discussões apresentando trechos dos trabalhos com ideias que materializam nossas hipóteses e outros estudiosos que também nos auxiliam nessa reflexão.

Por fim, com vistas nas análises acima, faremos a elaboração da nossa reflexão acerca do sujeito, das práticas pedagógicas e da relação adolescente-trabalhador na escola.

## 7.1 DE QUE EJA E ESCOLA ESTÃO FALANDO?

A seguir queremos destacar o que vimos como reincidência nas análises dos trabalhos, no que diz respeito às iniciativas e movimentos docentes no sentido de valorizar a EJA e, também, os discursos que desvalorizam a modalidade.

**(ALVES, 2011)** *“É imprescindível que a escola adote, como parte de seu planejamento político-pedagógico, a realização anual de pesquisa participante com os alunos da EJA para que possamos discutir, pensar e colocar em prática aulas que tenham sentido para estes alunos”.*

**(GOMES, 2011)** *“Manter-se escolarizado poderia até se configurar como uma forma de resistência, de protesto “silencioso” contra todas estas características negativas que nossa sociedade associa-lhes. Falta agora que nós, profissionais de educação atuantes na EJA sejamos capazes de reconhecer o quão afetivo nossa atuação é ou deveria ser”;*

*“Uma das primeiras desconstruções, que fiz foi deixar de pensar no público da EJA como um grupo de “pobres coitados” desfavorecidos e atrasados”*

*“Ainda se faz necessária a desconstrução de que as práticas na EJA podem ser algo adaptado, ou até copiado das ações desenvolvidas com a população infantil”*

**(SILVA, 2011)** *“A modalidade de ensino direcionada a Educação de Jovens e Adultos requer um projeto pedagógico próprio por várias razões. Não se pode oferecer a mesma didática apresentada ao aluno do ensino diurno”.*

*“O jovem que não frequenta os espaços escolares é o jovem que não tem oportunidades e que não é aceito durante o dia, o que é transmitido a ele e a seus pais é que com aquela turma ele não consegue “render”. Quando teremos políticas responsáveis que enxerguem as necessidades destes jovens?”*

*“Temos que analisar essas questões que nos são apresentadas e mostrar a este jovem que ele é um ser capaz de adquirir conhecimento. É o que todos os dias vemos ou desejamos ver em nossas escolas”*

**(TEIXEIRA, 2011)** *“O currículo é um campo complexo. Faz-se necessário investigar os tempos históricos para compreender que as questões que perpassam o espaço escolar, e o currículo, estão relacionadas às lutas sociais, econômicas, políticas e ideológicas; não, isoladas delas”*

*“Estendendo a pesquisa aos professores, foi interessante perceber que estes têm as mesmas percepções dos alunos: a escola é um espaço de vínculos e de convivência, a EJA é a possibilidade de conclusão mais rápida do Ensino Fundamental, também percebem o desinteresse, a não continuidade, mas não reconhecem o cotidiano deste jovem como currículo. Se apoiam em uma organização de conhecimento baseada em*

*décadas passadas, enxergam o aluno indo embora da escola ou sendo expulso por ela, mas não conseguem pensar em uma reorganização de tempos, espaços e conteúdos que possibilite a estes sujeitos ampliar sua visão de mundo, fazer valer seus direitos, sendo também responsáveis por seus deveres.”*

**(SILVA, 2012)** *“a escola da forma que é apresentada para os alunos, realmente não lhes provoca interesse nenhum. A escola e as salas de aulas, ainda no mesmo formato dos tempos dos seus pais, não dialoga com os jovens e nem lhes proporciona desenvolver suas habilidades.”*

*““escolhem” ir para a EJA,.. refletimos aqui que não chega a ser uma questão de imposição, mas que toda a escolha vai partir de um contexto social e de que forma haverá escolha se não forem oferecidas oportunidades iguais ou que contemplem de diferentes formas as habilidades dos alunos e, principalmente, a certeza de um espaço democrático e proporcionador da autonomia, do direito ao diálogo e da argumentação”*

*“Se no início eu defendia a ideia de que os jovens não deveriam estar ocupando o espaço dos mais velhos que queriam e precisavam estudar, hoje já me considero uma defensora da inserção e permanência dos mais jovens na EJA.”*

Destaque para alguns elementos presentes nestes trechos: a preocupação com a infantilização das práticas e materiais da EJA, o conceito das totalidades do conhecimento, a uma problematização acerca da constante nomenclatura de “Diurno/Noturno” para referir-se a EJA e o próprio currículo.

Deve ser constante nossa preocupação para que não haja infantilização desde as práticas docentes, os materiais didáticos e os espaços na EJA. Isto não quer dizer que os materiais não possam e devam ser materiais trabalhados, que demonstrem que houve um preparo, uma preocupação anterior, o que é importante. Isso valoriza a turma, os sujeitos e pode impulsionar o processo de permanência do estudante, enquanto o contrário, o não cuidado do material ou a própria adaptação de materiais de outra modalidade podem contribuir para sua exclusão.

A respeito da totalidade de conhecimento, apesar de seu conceito já estar definido, parece ainda muito longe da realidade. Isto, talvez, aponte a dificuldade que



há de conceber e construir a EJA como uma modalidade distinta, ou seja, a EJA não é o ensino “Irregular”, tão pouco, uma adaptação “enxuta” a qualquer modo da educação básica, com o objetivo de proporcionar aos trabalhadores, que já não tiveram o direito à educação garantido, novamente, não o tenham em nome de um prazo menor ou para a tal certificação. As totalidades como bem aponta Angela Maieski<sup>21</sup>,

Totalidade, porém, é um conceito, uma perspectiva de trabalho interdisciplinar, valorizando todas as áreas de conhecimento e não necessariamente, obrigatoriedade de matrícula em todas as disciplinas, conforme parece ser o entendimento ora presente nas orientações repassadas para as escolas. A totalidade presume não apenas a interdisciplinaridade, mas também a aplicabilidade dos conceitos e teorias, relacionando-os a questões do cotidiano, como, por exemplo, analisar anúncios de produtos, calcular os juros, porcentagens, averiguar vantagens ou descontos. (s/p)

Ainda, a Educação de Jovens e Adultos também não pode ser referida de maneira séria, apenas pelo errôneo viés do turno, não é o ensino noturno. Há EJA durante a manhã, tarde e noite. Trata-se de uma modalidade de ensino diferente, elaborada a um público distinto, repleta de especificidades.

Portanto, há um currículo específico que deve ser referido e construído nas escolas, que atenda desde a estrutura física e organizacional de trabalho da escola, como o atendimento ao público, oferta de comida, não lanche, acessa a biblioteca, salas de recursos, laboratórios no horário de aula, práticas de sala de aula, bem como o projeto de escola que acolha o público específico.

## 7.2 QUEM SÃO OS ADOLESCENTES DA EJA?

Uma primeira diferenciação fundamental que devemos registrar diz respeito à própria adolescência, se não, podemos cair no engano de tratá-la de forma equivocada, portanto, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em <<https://amaieski.wordpress.com/eja-educacao-de-jovens-e-adultos/eja-rs-da-totalidade-ao-parecer-descritivo>>. Acesso em jun. 2015.

<sup>22</sup> BRASIL. Estatuto da Juventude - Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em jun. 2015.

(1990), a adolescência é o período entre 12 e 18 anos de idade, incompletos, logo, nesta faixa etária o que valem são os direitos garantidos por tal estatuto. Diga-se, que são direitos historicamente reivindicados, que vêm no sentido de proteção e de valorização das crianças e dos adolescentes. Recentemente, tivemos a homologação de um Estatuto da Juventude<sup>23</sup> (2013), no entanto, por mais que o período corresponda aos 15 e 29 anos, aos adolescentes compreendidos neste período, 15 a 18 anos, aplica-se o ECA.

Sobre as concepções materializadas nos discurso/trechos que desvalorizam e, em certa medida, criminalizam o adolescente, ora de uma forma refletida e até convicta, ora de forma não refletida, sem leitura de contexto, apenas uma reprodução, que corrobora para a disseminação de uma perspectiva que afasta ao invés de acolher:

**(ALVES, 2011)** *“Alunos, estes, na sua grande maioria, jovens-adolescentes, com muitas dificuldades de concentração, ansiedade, falta de limites e, aparentemente, um descompromisso total com a sua própria aprendizagem. Muitos estavam ali porque eram obrigados, como no caso dos alunos que têm Bolsa-família. Caso não fossem à aula, o Conselho Tutelar entrava em cena”.*

*“Cada aluno, na EJA, tanto jovens, quanto adultos, carrega em si muitas dificuldades que são, na maioria das vezes, de cunho psicológico, no âmbito da afetividade: baixa autoestima, falta de confiança em si mesmos, entre outras”.*

**(GOMES, 2011)** *“Esta carga negativa social, que os jovens têm, corrobora para uma série de preconceitos destinados a este grupo”.*

*“A idade da maioria dos alunos no diurno também é fonte de conflitos, o comportamento dos alunos mais jovens incomoda os adolescentes.. Esta mesma heterogeneidade se observa na EJA, onde são estes adolescentes que atiram*

---

23 BRASIL. Estatuto da Juventude - Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em jun. 2015.

*papezinhos e aviõzinhos, e onde observamos esta mesma dificuldade que os entrevistados apontaram com relação ao diurno;”*

**(SILVA, 2011)** *“Muitos jovens não tem estrutura familiar vivem em constantes conflitos emocionais. Como somos os educadores precisamos também de muita compreensão do ser humano e do sistema educacional que está falho. As políticas públicas, que estão sendo apresentadas à sociedade, deixam a mesma sem escolha, sem voz e sem vez”*

*“E estes perdem sua juventude dormindo, assistindo TV até amanhecer e não indo para escola”;*

*“Os professores se questionam tentam de todas as formas realizar um trabalho pedagógico voltado a construção com o diálogo, com um currículo apropriado a suas necessidades, e este jovem não fica ali no seu lugar”.*

*“Estes jovens chegam à EJA com esta carga de fracassos, erros, desistências, negações, com a baixa autoestima”.*

**(TEIXEIRA, 2011)** *“a partir de um cotidiano composto por jovens que, muitas vezes, vivem sem perspectiva, sem projeto de vida ou sem saber o que querem e para onde irão”.*

*“O grande desejo de todos é concluir o Ensino Fundamental com mais rapidez para recuperar o tempo perdido e “melhorar de vida”, como dizem, mas, ao mesmo tempo, se mostram displicentes com os seus fazeres na escola – o que inquieta os professores, levando-os a perceber estes jovens como simplesmente desinteressados pelo ato de aprender”.*

**(SILVA, 2012)** *“Se antes os alunos da EJA eram adultos que estavam há muito tempo fora da sala de aula, mas com uma sede de aprendizagem maior ainda, hoje em dia o perfil dos mais novos é o de repetência, de abandono da escola por vários motivos, de descaso com a aquisição dos conhecimentos e até mesmo da instituição que frequentam”.*

*“Quanto mais jovens eles chegam à EJA, mais arredios e distantes mostram-se. Parece-me que a rebeldia natural da idade multiplica-se como se quisessem, realmente, provar-nos que o sistema falhou com eles e, por consequência, nós professores também”*

*“Esta relação difícil, segundo os professores, interfere diretamente na aprendizagem de todos [mais jovens e mais velhos] e vários serão os fatores com os quais os mesmos vão defender seus pontos de vista, entre eles: “alunos que não querem nada com nada”, “alunos imaturos e despreparados para frequentarem o noturno”, “família que apenas quer se livrar deles”, “escolas que não os aguentam mais no dia pela idade ou tamanhos muito superiores aos dos alunos regulares e os mandam para a noite sem estarem devidamente amadurecidos”, “falta de respeito e indisciplina”, etc.”*

*“Se há um tempo a maturidade se afirmava pela condição do primeiro emprego, hoje esta confirmação vem a partir do ingresso no estudo no turno da noite que, de certa forma, exonera os pais das responsabilidades em relação aos filhos. Este é o aluno que frequenta o ensino noturno”.*

A respeito dos adolescentes, podemos analisar uma recorrência nos discursos que desqualificam desde sua fase, a própria adolescência, até suas práticas e, sobretudo, o contexto social de vulnerabilidade.

As concepções são muitas, distintas e recorrentes variam desde a dita estruturação familiar, às questões de indisciplina, de rebeldia, inclusive, até referentes um suposto descaso com a vontade de aprender, dito assim, devemos analisar a força de discursos como estes, que reforçam e criminalizam a adolescência e a juventude.

Classicamente, a sua luta por direitos esteve relacionada aos movimentos sociais, desde a imposição das leis fabris (Revolução Industrial), seguido do Juízo de Menores (1923-41), a SAM (Serviço de Assistência Social aos Menores), passando ao Código do Menor, mais tarde, Organização Internacional do Trabalho (OIT), depois na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), lutas e conquistas ao longo da história, intrinsecamente, relacionadas ao trabalho e as condições de vida. Se fossemos mais longe na história, poderíamos aprofundar o conceito e as práticas desde o século XVI, com Philippe Àries, mas não sendo o que cabe ao momento, apenas anunciamos para futuros estudos e aprofundamentos.

A seguir trataremos do aspecto do trabalho extraídos das análises.

### 7.3 DE QUAL TRABALHO?

Neste subtítulo queremos expor o que foi extraído das produções acerca do trabalho problematizando sob qual perspectiva o trabalho permeia as concepções dos autores.

**(ALVES, 2011)** *“50% dos alunos da EJA dizem desenvolver algum tipo de atividade que gera renda e 37% dizem que não. As habilidades profissionais mais citadas foram nas áreas dos serviços gerais; da mecânica e do comércio”.*

**(GOMES, 2011)** *“Nas repostas dos adolescentes fica evidente a necessidade da escola para a formação profissional. Três (3) dos sete (7) questionários reportaram a necessidade da escolaridade para a aquisição de empregos melhores, e disseram estar estudando por causa da vida profissional”.*

*“Respondendo à pergunta: como você se mobiliza para ir até a escola? Os alunos responderam que costumam preservar o horário das aulas, evitando outras atividades que atrapalhem, e o trabalho as doenças foram apontadas como as causas para que falem às aulas”.*

**(SILVA, 2011)** *“O preconceito, o cansaço de um dia de trabalho, para aquele que tem trabalho, e os outros que passaram o dia todo ouvindo “não tem vaga para quem não tem escolaridade completa”, as exigências do mercado de trabalho, a falta de oportunidades, com baixa auto estima, impulsiona-o muito mais a desistir do que a prosseguir”.*

*“O aluno deixa de estar no tempo certo estudando para realizar trabalho informal, passa a sua infância e juventude trabalhando e não tem desejo de estudar, porque o serviço lhe dá um retorno imediato. O salário, enquanto que a escola ele tem que conquistar os resultados após um esforço intelectual que não há uma grande*

*valorização de imediato e como o jovem quer resultado rápidos troca os bancos escolares da escola diurna pelo trabalho”.*

**(TEIXEIRA, 2012)** *“Motivos da migração para a EJA, os alunos dizem ter vindo estudar na EJA, porque, para eles, esta é a possibilidade de concluir o Ensino Fundamental mais rápido e para poderem trabalhar durante o dia”*

*“Todos desejam ter um futuro melhor e depositam na escola a esperança de que, através da escolarização formal, conquistarão um bom emprego”*

*“Conforme a pesquisa, são inúmeros os motivos para o afastamento do jovem aluno: o cansaço após um dia de trabalho, o desinteresse, as intimidações, o cotidiano perverso em que vivem, o não conseguir aprender e o distanciamento entre os saberes escolares e não escolares”*

**(SILVA, 2012)** *“Sabendo que a escola, historicamente, constituiu-se em bases reprodutivas de massas, de um saber sistemático e científico, sob a perspectiva racionalista, conclui-se que a escola foi organizada para certificar o indivíduo para o mundo do trabalho dentro de um sistema mecanizado, sem o compromisso com o pensar e o agir socialmente”.*

*“Basicamente eles estão indo obrigados à escola para conseguirem melhores situações de trabalho, mesmo que este discurso não se efetive na prática de um mercado de trabalho cada vez mais restrito”.*

A perspectiva de trabalho a qual permeia as produções analisadas diz respeito ao mundo do trabalho. Questões presentes no campo referem-se ao trabalho assalariado, ao trabalho doméstico, ao trabalho informal, a crise do emprego, ao mundo profissional.

Contraditoriamente, percebemos manifestações que posicionam a escola num lugar estratégico para um futuro melhor - *um melhor emprego* - ao mesmo tempo, manifestam que o trabalho assalariado conforme diminui sua hora de lazer, suas energias, também, contribui à sua exclusão da escola.

Faz-se necessário dizer que na análise o trabalho não foi nosso foco principal, como explicamos anteriormente, no entanto, por considerarmos ele fundamental e necessário a esta discussão dos adolescentes na EJA. Recorrendo ao nosso objetivo, junto deste conceito, através do que nos ensina Fonseca (2008, p. 77) sobre sua relação com a educação:

Na relação trabalho e educação, apreendemos que há funcionalidade desses processos (escolar e profissional) aos diferentes padrões da acumulação na produção de superpopulação relativa, quer como exército de reserva, exército industrial de reserva, desempregadas/os estruturais, sobrantes no/do modo de produção. Por isso, há intencionalidade em excluir as classes que vivem da venda de sua força de trabalho, nos diferentes tempos históricos de uma formação humana que, ao preparar para a vida, constitua lastros formadores para a inserção no mundo do trabalho. O trabalho, em sua perspectiva ontológica, como organizador da vida é princípio educativo: o que também significa a constituição de vidas precárias a partir de imersão em processos e relações de trabalho precárias.

#### 7.4 DAS ARTICULAÇÕES...

Este subtítulo tem o objetivo de articular as principais ideias e concepções que analisamos, contextualizando-as no cenário político em que estamos inseridos, nas esferas nacionais e internacionais.

Como já apontamos nos capítulos anteriores, percebemos que ao longo da história a educação esteve relacionada diretamente aos modos de produção de cada época. Considerando campo teórico-metodológico visualizamos os reflexos das políticas de reestruturação produtiva no sucateamento das áreas sociais, no nosso caso, a Educação Pública.

Partindo disto, o campo de análise, compreendendo seu limite espaço-tempo, nos proporcionou refletir mais profundamente sobre os elementos, em especial, no que diz respeito ao nosso objeto de pesquisa: o adolescente. É possível acompanhá-lo, à medida de um fenômeno social que tem excluído historicamente a classe trabalhadora da escola.

Sujeitos cujas condições sociais (precárias, desqualificadas, desestruturadas) lhes “empurram” ao mundo do trabalho, trabalho este informal, infante-juvenil, doméstico e precário retirando-os de forma excludente da escola, entre elas o trabalho. Todavia, encurralados entre a escola e as condições de sobrevivência,

portanto, mais próximos ao mundo do trabalho do que à própria escola (SPÓSITO, 2008).

No entanto, diferente de outras épocas, estes sujeitos estão tendo de aprender a viver na contradição escola-emprego, como percebido nos trabalhos a escola é vista como subsídio para um trabalho melhor, para um futuro melhor, mas, os índices de desemprego, tal qual o aprofundamento da *crise do trabalho assalariado*<sup>24</sup>, os impõe uma contradição na melhor hipótese, pois na pior, os exclui da escola e lhes joga diretamente nos piores postos de trabalho.

Na educação percebemos a perspectiva produtivista, herança do taylorismo/fordismo e toyotismo, estruturam o sistema de ensino dentro dos parâmetros tecnicistas e economicistas, inspirados na atualização da formulação teórico-ideológica. (FRIGOTTO, 2011 apud SAVIANI, 1988).

Nesse sentido, vemos emergir no campo empírico o sujeito da nossa pesquisa, os adolescentes filhos da classe trabalhadora, empurrados a precária educação para ter um precário emprego. Assim, seguimos observando a sobrevivência se impondo à educação, bem como, o aumento da miséria, a falta de garantia de mais acessos e possibilidades.

Na escola, na EJA, isto se reflete pela constante desvalorização da modalidade, seja pela exclusão ou mesmo pela permanência sem qualidade de ensino. Adolescentes são inseridos no mundo do trabalho em meio à relação flexível e desregulamentada do trabalho assalariado na crise do capital. Fonseca (2010) avança neste aspecto, afirmando:

Além disso, vulnerabiliza-se a escolaridade e a formação humana, potencializando no âmbito da reprodução ampliada do capital a produção de um contingente de jovens e adultos sobrando modo de reserva de força de trabalho na contemporaneidade.(p.143)

Como dito, sobrando do e no modo de produção capitalista, desempregados estruturais, reserva de força de trabalho, ou seja, a classe trabalhadora desde a adolescência já induzida à escola e ao trabalho precário, informal, etc.

Acácia Kuenzer (2005) auxilia nesse debate, ao elaborar sobre a *Exclusão Incluyente e Inclusão Excludente* aponta estas como a dualidade estrutural na relação

---

<sup>24</sup> Gaudêncio Frigotto (2011)



entre Educação e Trabalho e define a primeira como *as várias estratégias de exclusão do mercado formal, onde o trabalhador tinha direitos assegurados e melhores condições de trabalho, acompanhadas de estratégias de inclusão no mundo do trabalho através de formas precárias* (p. 14).

Ainda Kuenzer (2005, p. 14), define a Inclusão Excludente da seguinte forma:

A esta lógica, que estamos chamando de **exclusão includente**, corresponde outra lógica, equivalente e em direção contrária, do ponto de vista da educação, ou seja, a ela dialeticamente relacionada: a **inclusão excludente**, ou seja, as estratégias de inclusão nos diversos níveis e modalidades da educação escolar aos quais não correspondam os necessários padrões de qualidade que permitam a formação de identidades autônomas intelectual e eticamente, capazes de responder e superar as demandas do capitalismo; ou, na linguagem toyotista, homens e mulheres flexíveis, capazes de resolver problemas novos com rapidez e eficiência, acompanhando as mudanças e educando-se permanentemente. (grifos da autora)

Estes dois conceitos trazidos acima são materializados neste trabalho e na reflexão de quem são os adolescentes da EJA, sobretudo quando identificamos a relação entre Educação e Trabalho exposta nos trechos das produções que analisamos. É necessário compreender, como professoras, o tamanho deste impacto dentro da sala de aula e na escola.

Mais uma vez concordando com as elaborações da autora Kuenzer (2005, p. 15),

[...] **através dos processos de inclusão excludente, a educação escolar e não escolar se articula dialeticamente aos processos de exclusão includente existentes no mundo do trabalho**, fornecendo ao cliente – o capital – a força de trabalho disciplinada técnica e socialmente, na medida das suas necessidades, como reza a boa cartilha do toytismo; a expressão pedagógica deste princípio se dá através da pedagogia das competências [...].

Por fim, talvez, como contribuição importante no que diz respeito às práticas docentes e sociais, esta pesquisa nos aponta diversos elementos que provocam este fenômeno social e, também, nos dá inúmeros indícios de como podemos fazer para que esta realidade se altere dentro de suas possibilidades histórico-temporais.

## 8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NESTE MOMENTO

De início, é fundamental expressar que este trabalho abrange apenas alguns dos diversos aspectos que poderiam/podem ser analisados. O campo empírico investigado neste trabalho é de uma riqueza que merece muitos aprofundamentos e ampliações, ou seja, este singelo trabalho é uma parte pequena de tudo que podemos estudar e aprender deste campo.

Dado todos os elementos que já foram estudados nos capítulos antecessores, compreendo que se faz necessária a abordagem acerca da modalidade EJA e dos Adolescentes ou Jovens no contexto brasileiro, assim como, alguns índices da economia e educação.

De acordo com os índices da economia mundial, apontados pelo Fundo Monetário Internacional<sup>25</sup> (FMI), o Brasil deve cair para 8ª posição e não deve subir, pelo menos até 2020. Já os índices expostos no 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2013/14<sup>26</sup>, apontam que o Brasil é o 8º país com maior número de analfabetos do mundo, são aproximadamente 8% da população, isto é, mais de 13 milhões de jovens, com 15 anos ou mais, analfabetos no país.

Nesse sentido, acreditamos que a problematização acerca destes números tão expressivos, sobretudo de adolescentes analfabetos, tornou nossa pesquisa relevante neste momento. Afinal, buscamos compreender quem são estes jovens e adolescentes analfabetos, quais são as perspectivas deles, da escola, professores e da sociedade em relação a eles.

Neste período de escrita do trabalho, a adolescência brasileira sofre um ataque muito forte, materializado no projeto de lei que visa reduzir a maioridade penal, de 18 para 16 anos, ou seja, um projeto que corrobora para criminalização dos adolescentes. A proposta de emenda constitucional (PEC 171/1993) propõe a alteração das leis, mas desrespeita as conquistas históricas do movimento social para adolescentes e jovens, por exemplo, as regulamentações do ECA<sup>27</sup> (1990).

---

<sup>25</sup> FMI (Fundo Monetário Internacional). Relatório “Perspectivas para la Economía Mundial”, de outubro de 2014. Disponível em <<http://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2014/02/pdf/texts.pdf>>. Acesso em jun. 2015.

<sup>26</sup> UNESCO. 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2013/4. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>>. Acesso em jun. 2015.

<sup>27</sup> BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l8069.htm)>. Acesso em jun. 2015.

Cabe a explicação seguida da crítica, sobre o Estatuto da Juventude, que não é citado como marco de conquistas históricas. Neste trabalho ele é utilizado apenas como marco legal no que tange a determinação das idades e situações dos sujeitos entre 15 e 29 anos, ou seja, para organizar esta discussão, que se torna importante visto os ataques que a adolescência e juventude vêm sofrendo, leia-se centralmente, Redução da Maioridade Penal.

No entanto, este estatuto foi homologado no ano de 2013, ano em que o Brasil viveu as maiores mobilizações desde as “Diretas Já” e o “Fora Collor”, ou seja, vimos milhões de pessoas nas ruas, em todos os cantos do país, reivindicando melhorias para a população, desde o Passe-Livre, Educação, Saúde, Cultura, Moradia, Diminuição da Violência, sobretudo, às Mulheres e LGBT’s<sup>28</sup> entre tantas outras bandeiras históricas. Contraditoriamente, este estatuto é homologado e lançado como um resultado das lutas das ruas, mas não trata sobre nenhum aspecto central, sobretudo, o principal: o transporte público, o Passe Livre.

Não só deixa de avançar, como retrocede, por exemplo, no direito à cultura, quando diminui a “meia-entrada estudantil”, determinando a quantidade de apenas 40% do total de ingressos destinados aos estudantes, bem como, quando determina o único local em que devem fazer a carteira/cadastro. Dessa forma, vai de encontro da necessidade da juventude porque, em última instância, restringe seu acesso ao transporte e à cultura.

O debate sobre a adolescência e a juventude é tão importante quanto as crianças, a gestão e outros, assim como o estudo sobre as políticas educacionais e sociais, todos são fundamentais num curso de formação de professoras. Estes debates emergem e necessitam estar dentro da escola também, afinal a escola precisa ser este espaço de discussões sobre a realidade e o contexto de sua comunidade escolar. Acredito que como formadoras de opiniões não podemos nos omitir, tão pouco, fazer vistas grossas, desviar aos assuntos atuais. Ao contrário, precisamos ser críticas atentas aos discursos e, sobretudo, às práticas, estas são critérios essenciais.

Vivemos em momentos difíceis, acompanhamos o desmonte da educação pública, a criminalização e repressão de setores importantes da sociedade, projetos

---

<sup>28</sup> Sigla utilizada para o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais.

de leis que vão interferir diretamente em nossa realidade, em especial, na escola, em nossa prática docente. Já temos experiências com as relações público-privadas, com a flexibilização e terceirização do trabalho.

Outro aspecto importante que permeia as discussões da classe trabalhadora de conjunto são as políticas assistencialistas, muito embora estas não sejam meu foco de análise, são percebidas nos trabalhos analisados, geralmente para justificar a presença/permanência das crianças e adolescentes na escola. Infelizmente, com o objetivo de sanar violações dos direitos dos sujeitos, estas políticas tornam a violá-los novamente, em meio à realidade objetiva que se mostra cada vez mais restrita aos sujeitos, seja pela precariedade da escolarização, seja pela inserção no trabalho precário, muitas vezes, precoce. Nesse sentido, Fonseca (2010, p. 152) categoricamente inspira:

Assim, este ser social tem no trabalho e nas políticas protetivas formas de reificar a mutilação de sua vida, de organizá-la na e para a precariedade. Despossuído de possibilidades de autonomia como sujeito, modo inerente às concepções e práticas das políticas assistencialistas, potencializando a formação de um grande contingente de sobrantes, reféns de 'políticas menores' que banalizam o sujeito de direitos.

Finalizo esta contribuição certa de que esta pesquisa deve ter continuidade, dada a riqueza do seu campo empírico e as distintas possibilidades apontadas, assim como, pela importância que temas como este representam na nossa formação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l8069.htm)>. Acesso em jun. 2015.

BRASIL. Estatuto da Juventude - Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em jun. 2015.

FILGUEIRAS, Luiz A. M. Reestruturação Produtiva, Globalização e Neoliberalismo: Capitalismo e Exclusão Social Neste Final de Século. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/globalizacao/neoglobliberalismo.pdf>>. Acesso em jun. 2015.

FMI (Fundo Monetário Internacional). Relatório “Perspectivas para la Economía Mundial”, de outubro de 2014. Disponível em <<http://www.imf.org/external/spanish/pubs/ft/weo/2014/02/pdf/texts.pdf>>. Acesso em jun. 2015.

FONSECA, Laura Souza. EJA: lutas e conquistas! – a luta continua: formação de professoras em EJA. REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 2, n. 2, p. 75 – 97. Belo Horizonte: NEJA-FaE-UFMG, ago. 2008.

FONSECA, Laura Souza. Trabalho Infante-Juvenil e Formação Humana: Limites na Potência Ontológica e Banalização do Sujeito de Direitos. Trab. educ. saúde, jun. 2010, vol. 8, no. 1, p. 137-153. ISSN 1981-7746.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. (Org.) A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-27.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Crise do Trabalho Assalariado e do Desenvolvimento: teorias em conflitos. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

GOMES, Martina Pereira. Educação e Trabalho Infante-Juvenil – Um Recorte no Estado da Arte. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Licenciatura). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

GOMES, Martina Pereira. O Estado da Arte do Trabalho Infante-Juvenil nas Universidades do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). FAGED/UFRGS, 2013.

ITURBE, Alejandro. O Sistema Financeiro e a Crise da Economia Mundial. São Paulo: Editora Sundermann, 2009.

KUENZER, A. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). Capitalismo, trabalho e educação. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

LENIN, Vladimir I. Ulianov. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. Brasília: Nova Palavra, 2007, 143p.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>>. Acesso em jun. 2015.

LOPES, Deisiane dos Santos. A Formação de Professores em EJA nos TCCs da FAGED/ UFRGS: repercutindo o currículo novo da Pedagogia. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Pedagogia – FAGED/UFRGS (2012).

MARX, Karl. Uma contribuição Para a Crítica da Economia Política. Obras Escolhidas, VI. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. Manifesto Comunista. São Paulo: Sundermann, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MÉSZAROS, Istvan. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

MORENO, Nahuel. As Revoluções do Século XX, Brasília, Edição da Câmara dos Deputados, 1989

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999

SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos. Perspectiva, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 427-446, jul./dez. 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. Juventude e Educação: interações entre a educação formal e não-formal. Revista Educação e Realidade, v. 33, n. 2, p. 83 – 97, jul./dez. 2008. FAGED-UFRGS. Porto Alegre. Julho/Dezembro 2008.

TROTSKY, Leon. A Revolução Traída. São Paulo, SP: Editora Instituto José Luís e Rosa Sunderman, 2005.

UNESCO. 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos 2013/4. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>>. Acesso em jun. 2015.

VIANNA, William Barbosa. ENSSLIN, Leonardo. GIFFHORN, Edilson. A integração sistêmica entre pós-graduação e educação básica no Brasil: contribuição teórica para um “estado da arte”. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 19, n. 71, p. 327-344, abr./jun. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362011000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000300006)>. Acesso em jun. 2015.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### QUADRO DE ANÁLISE DESCRITIVO

1. Título: Adolescência na EJA: desafios e possibilidades

Autor (a): Jaqueline da Silva Alves

Ano: 2011

<b>METODOLOGIA</b>	<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>REFERENCIAS TEÓRICAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>pesquisa ação participante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>coleta de dados, quantitativos e qualitativos</li> <li>questionário semiestruturado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Brunel</li> <li>Paulo Freire</li> <li>Sposito</li> <li>Carrano</li> <li>Dayrel</li> <li>Arroyo</li> <li>Gadotti</li> <li>La Taille</li> <li>Trevisol</li> <li>Charlot</li> <li>ECA</li> </ul>
<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Obrigatoriedade à escola</li> <li>Indisciplinados</li> <li>Regras</li> <li>Limites</li> <li>fracasso e sucesso escolar</li> <li>Mau comportamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Juvenilização</li> <li>Afetividade</li> <li>Currículo</li> <li>Educação Popular</li> <li>Totalidades do Conhecimento</li> <li>Planejamento Interdisciplinar</li> <li>Avaliação Emancipatória</li> <li>Construtivismo Interacionista</li> <li>Metodologia de “Redução Temática”</li> <li>Diurno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>funções temporárias, como prestadores de serviços (trabalho informal);</li> <li>trabalho doméstico;</li> <li>importância do trabalho</li> <li>falta de trabalho e oportunidades;</li> </ul>
<b>IDÉIAS SOBRE ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>IDÉIAS SOBRE TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Sabe-se que a migração dos adolescentes para esta modalidade de ensino tem sua origem nas reprovações excessivas, nos saberes distanciados da cultura desses sujeitos e no fracasso ao quais vêm sendo submetidos ao longo de suas vidas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ao constatar que grande parte destes alunos são jovens-adolescentes, falar, então, sobre o tema Juvenilização é falar de uma realidade constante nestes espaços (EJA);</li> <li>Cada aluno, na EJA, tanto jovens, quanto adultos, carrega em si muitas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mexer no computador e jogar videogame faz parte das atividades também realizadas no tempo livre, bem como o trabalho doméstico realizado durante o período que deveria ser de descanso;</li> <li>A família, os filhos e netos, a mãe, o amor, a felicidade, a</li> </ul>



<ul style="list-style-type: none"> <li>Alunos, estes, na sua grande maioria, jovens-adolescentes, com muitas dificuldades de concentração, ansiedade, falta de limites e, aparentemente, um descompromisso total com a sua própria aprendizagem. Muitos estavam ali porque eram obrigados, como no caso dos alunos que têm Bolsa-família. Caso não fossem à aula, o Conselho Tutelar entrava em cena;</li> <li>Alunos “indisciplinados”, “infreqüentes”, “desinteressados”, “desmotivados”, “drogaditos”, entre outras. Falar, por exemplo, sobre o mundo do trabalho tornou-se algo quase que insustentável devido à falta de oportunidades oferecidas a estes jovens, ainda mais por serem adolescentes que dizem não ter perspectivas de qualificação, trabalho e/ou emprego;</li> <li>Nas reuniões pedagógicas seguintes apareceram falas que pautaram a dificuldade do professor de lidar com a questão da droga disseminada na escola e do trato com o público mais jovem da EJA;</li> <li>a Juvenilização também é uma realidade dessa escola, visto que a maioria dos alunos (65%) tem idade entre 15 e 29 ano, dentre estes.. Constatamos, então, que a grande maioria (76%) destes jovens são adolescentes;</li> <li>Conforme observamos nos quadros abaixo, é possível ver que grande parte dos alunos não respondeu às questões. 13 alunos disseram nunca ter parado de estudar, o que nos remete ao fato de que a maioria é adolescente provindo do dia;</li> </ul>	<p>dificuldades que são, na maioria das vezes, de cunho psicológico, no âmbito da afetividade: baixa autoestima, falta de confiança em si mesmos, entre outras;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Esta constatação confirmou a realidade vivida hoje na EJA: o crescente número de jovens e, especialmente, o de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos;</li> <li>Os adultos, quando procuram a EJA, manifestam que desejam ascensão profissional, já os adolescentes querem ser reintegrados porque foram excluídos, na maioria das vezes, do dia;</li> <li>historicamente, sabe-se que, em alguns casos, os professores(as) passam a lecionar na EJA para complementar carga horária, uma vez que optam por trabalhar sessenta (60) horas. E, os que chegam a ela, muitas vezes, não dispõem de nenhuma preparação para trabalhar nesta modalidade de ensino;</li> <li>Em relação à série, ano e/ou etapa atual em que se encontram na escola é possível perceber que muitos alunos ainda dizem estar na 6ª, 7ª e/ou 8ª série, o que demonstra que não se apropriaram do conceito de Totalidade do Conhecimento e, provavelmente, não percebiam diferenças que esta modalidade de ensino requer;</li> <li>Conforme o quadro abaixo, é possível perceber que o que os alunos desejam é estudar e aprender mais, concluir os estudos e passar de ano. Alguns disseram que</li> </ul>	<p>paz, harmonia e respeito, Deus, os estudos, os irmãos, a saúde, o trabalho, os amigos, o(a) esposo(a), entre outros, foram os itens mais citados em relação ao que eles consideram mais importante em suas vidas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>50% dos alunos da EJA dizem desenvolver algum tipo de atividade que gera renda e 37% dizem que não. As habilidades profissionais mais citadas foram nas áreas dos serviços gerais; da mecânica e do comércio;</li> <li>Em relação à questão do trabalho, passam a ideia de que existem fórmulas mágicas para ter uma profissão e uma estabilidade financeira na vida, como apareceu na seguinte fala: “<i>Quero ganhar na mega-sena</i>”. Também apareceram falas do tipo: “<i>É ruim acordar cedo</i>”, referindo-se ao fato de querer ganhar dinheiro sem trabalhar;</li> </ul>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>“A gente tem muita preguiça.”</i> Nota-se, no diálogo e nas respostas dos adolescentes, que eles têm consciência de que estão passando por uma fase difícil da vida do ser humano e verbalizam esta compreensão dizendo que <i>“o adolescente é muito bipolar”</i>, como manifestou um dos alunos;</li> <li>• <i>“A gente quer chamar a atenção”</i>. Esta é uma característica marcante de adolescentes que muitas vezes estão invisíveis para a sociedade, que apresentam comportamentos rebeldes para dizerem que não estão felizes com alguma coisa: <i>“Quando a gente chega novo na escola, tem que patifar.”</i>;</li> <li>• E, quanto aos comportamentos inadequados em sala de aula, um dos alunos disse ser um <i>“tédio”</i> e que, prestar ou não atenção na aula, <i>“depende da matéria”</i> e, provavelmente, dependa também do professor;</li> <li>• possível observar que são muitas e diversas as relações com o saber que estes adolescentes estabelecem com a educação escolar e fora dela;</li> <li>• Embora o adolescente transgrida e, muitas vezes, apresente comportamentos inadequados em sala de aula, ele sabe identificar e diferencia uma aula significativa, que valoriza aquilo que ele sabe, que conhece os espaços em que ele vive e preocupa-se com ele.</li> </ul>	<p>esperam um futuro, esperam aprender a ler e escrever, entre outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• É imprescindível que a escola adote, como parte de seu planejamento político-pedagógico, a realização anual de pesquisa participante com os alunos da EJA para que possamos discutir, pensar e colocar em prática aulas que tenham sentido para estes alunos.</li> </ul>	
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

## 2. Título: O que eles querem? Representações de adolescentes sobre a EJA

Autor (a): Valesca dos Santos Gomes

Ano: 2011

METODOLOGIA	INSTRUMENTOS	MARCO TEÓRICO
-------------	--------------	---------------

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo de caso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• questionários semiestruturados;</li> <li>• entrevista em grupo com</li> <li>• técnica do grupo focal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Charlot</li> <li>• Nascimento</li> <li>• Carrano</li> <li>• Dayrell</li> <li>• Marchi &amp; Schäffer</li> <li>• Vieira Pinto</li> </ul>
<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carga social negativa - Preconceito</li> <li>• Repetências</li> <li>• Representações</li> <li>• Mídia</li> <li>• Heterogeneidade</li> <li>• “Não querem nada com nada”</li> <li>• Afeto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolarização</li> <li>• Frequência</li> <li>• Valorização Social</li> <li>• Preconceitos - Discriminação</li> <li>• Adequação da prática (infantilização);</li> <li>• Desfavorecidos</li> <li>• Voluntarismo</li> <li>• Afeto</li> <li>• Juvenilização</li> <li>• Autonomia</li> <li>• Noturno/Diurno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• mercado de trabalho</li> <li>• trabalho/futuro melhor</li> </ul>
<b>IDÉIAS SOBRE ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>IDÉIAS SOBRE TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• a população da EJA está repleta de adolescentes, que “(...)pararam há pouco tempo de estudar, são recém-egressos do ensino regular (diurno), e a maioria possui um histórico de várias repetências” (Nascimento,2004);</li> <li>• Estes jovens, presentes na EJA, são os mesmos que, para nossa sociedade, são notícia “(...) quando, de alguma forma, se torna(m) problema ou então espetáculo.”(Dayrell, 1999);</li> <li>• Estes mesmos encontram-se “(...) fora do contrato social, seu espaço não está definido na sociedade, sua fala é frequentemente interdita e, quando mencionados na mídia, sua imagem está, na maioria das vezes, ligada às drogas, à violência, às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.”(Nascimento,2004);</li> <li>• Esta carga negativa social, que os jovens têm, corrobora para uma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizada por muitos como uma escola de exclusão;</li> <li>• Estes alunos, somente pelo fato de estarem cursando a EJA tendem a ser discriminados e menosprezados, inclusive pelos membros da equipe escolar;</li> <li>• Mas com o rebaixamento da idade mínima para o ingresso nesta modalidade o número de jovens nesta modalidade começou a crescer. Este fenômeno da juvenilização dos alunos da EJA tem mobilizado a atenção de diversos pesquisadores;</li> <li>• já de início me inquietei com a dificuldade de encontrar materiais adequados para trabalhar com estes grupos tão seletos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nas repostas dos adolescentes fica evidente a necessidade da escola para a formação profissional. Três (3) dos sete (7) questionários reportaram a necessidade da escolaridade para a aquisição de empregos melhores, e disseram estar estudando por causa da vida profissional;</li> <li>• Respondendo à pergunta: como você se mobiliza para ir até a escola? Os alunos responderam que costumam preservar o horário das aulas, evitando outras atividades que atrapalhem, e o trabalho as doenças foram apontadas</li> </ul>

<p>série de preconceitos destinados a este grupo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Nesta heterogeneidade exercita-se tanto a intolerância dos adultos com os adolescentes, quanto a "implicância" dos adolescentes com os adultos. "A cultura dos jovens é própria, mal entendida ou pouco aceita pelos adultos." (Macedo, 2009) A heterogeneidade dos grupos passa pela forte presença de adolescentes, dissidentes do ensino diurno, chamado "regular";</li> <li>• A idade da maioria dos alunos no diurno também é fonte de conflitos, o comportamento dos alunos mais jovens incomoda os adolescentes.. Esta mesma heterogeneidade se observa na EJA, onde são estes adolescentes que atiram papezinhos e aviõzinhos, e onde observamos esta mesma dificuldade que os entrevistados apontaram com relação ao diurno;</li> <li>• Quando perguntados sobre como eles se vêem dentro e fora da escola os alunos reportaram que estar na escola coloca-os em uma posição de valorização social;</li> <li>• E a presença deste aluno em sala não quer dizer que o mesmo tenha vontade/necessidade de adquirir saberes escolares. Esse aluno que "não quer nada com nada" quer sim alguma coisa, afinal de contas, se o mesmo não estivesse interessado na escola não haveria porque manter-se escolarizado;</li> <li>• Manter-se escolarizado poderia até se configurar como uma forma de resistência, de protesto "silencioso" contra todas estas características negativas que nossa sociedade associa-lhes. Falta agora que nós, profissionais de educação atuantes na EJA sejamos capazes de reconhecer o quão afetivo nossa atuação é ou deveria ser;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma das primeiras desconstruções, que fiz foi deixar de pensar no público da EJA como um grupo de "pobres coitados" desfavorecidos e atrasados;</li> <li>• Os educandos da EJA são educandos como quaisquer outros, diferem, claro, no fato de que têm mais idade e por isso mais vivência, o que faz com que também tenham algum conhecimento já adquirido, advindo desta vivência, do tempo em que puderam ser "espectadores e atores de suas vidas". Seu "desfavorecimento" está no simples fato de, por algum motivo, não estarem cursando a série escolar na idade em que nossa sociedade considerada mais adequada;</li> <li>• Ainda se faz necessária a desconstrução de que as práticas na EJA podem ser algo adaptado, ou até copiado das ações desenvolvidas com a população infantil;</li> <li>• A concepção de que lecionar na EJA é "uma ação de caráter voluntário, marcada por um cunho de doação, favor, missão e movida pela solidariedade (...)". Estas duas representações desprofissionalizam o educador e a ação educativa da EJA;</li> <li>• Surpreenderam-me os relatos sobre as diferenças entre a escola diurna e a noturna. Acredito que além da relação afetiva estabelecida de uma forma diferenciada com os professores, já</li> </ul>	<p>como as causas para que faltem às aulas.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------

	<p>que os alunos estão mais maduros e têm já vivências escolares para a comparação, na EJA, como temos um número menor de alunos em sala, acabamos tendo a possibilidade de atender com mais tempo e dedicação a cada um dos alunos que apresentarem dificuldades, e até conversar mais, ouvindo-os;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pude perceber a valorização dos aspectos afetivos pelos adolescentes estudantes da EJA. Que se destaca fortemente em relação aos demais aspectos da modalidade salientados, como por exemplo: a necessidade da escola para a formação profissional; a diplomação rápida; o curto tempo para a formação dos estudos e, também da valorização social por estar estudando.</li> <li>• Talvez pela maior autonomia e tranquilidade que aparentemente estes alunos tem na EJA, por não existir abertamente uma pressão que os obrigue a participar das atividades, é que eles tenham a possibilidade de assumir o real interesse ou não em estar se dedicando à vida escolar;</li> </ul>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

### 3. Título: Adolescentes na EJA

Autor (a): Rosângela Piva da Silva

Ano: 2011

METODOLOGIA	INSTRUMENTOS	MARCO TEÓRICO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionários;</li> <li>• Entrevistas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carmen Brunel</li> <li>• Roseli Vaz Carvalho</li> <li>• Paulo Freire</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frigotto</li> </ul>
<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evasão</li> <li>• Estrutura familiar</li> <li>• Força física e verbal</li> <li>• “Convidados à EJA”</li> <li>• Não sucesso escolar/Insucesso</li> <li>• Privação</li> <li>• Conflito Cultural</li> <li>• Indisciplina</li> <li>• Drogas</li> <li>• Deficiência Institucional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diurno</li> <li>• Multi repetências;</li> <li>• Juvenilização da EJA</li> <li>• Currículo apropriado</li> <li>• Dialogo</li> <li>• Evasão</li> <li>• Ultima chance</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bicos</li> <li>• Trabalho informal</li> <li>• Reprovação escolar</li> </ul>
<b>IDÉIAS SOBRE ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>IDÉIAS SOBRE TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os dados demonstraram que essa ruptura na vida escolar não se faz sem problemas sendo o mesmo o motivo de evasão e abandono dos estudos para um número significativo de jovens;</li> <li>• O aluno jovem retorna à sala de aula com dúvidas, receios e perspectivas, além das barreiras que enfrentou até decidir pelo retorno à escola;</li> <li>• Muitos jovens não tem estrutura familiar vivem em constantes conflitos emocionais. Como somos os educadores precisamos também de muita compreensão do ser humano e do sistema educacional que está falho. As políticas públicas, que estão sendo apresentadas à sociedade, deixam a mesma sem escolha, sem voz e sem vez;</li> <li>• O trabalho de pesquisa, que está sendo apresentado, mostra que este jovem não é consultado do porque não vai mais frequentar os bancos escolares, do turno diurno da cidade de Cachoeirinha.</li> <li>• O jovem que não frequenta os espaços escolares é o jovem que não tem oportunidades e que não é aceito durante o dia, o que</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A modalidade de ensino direcionada a Educação de Jovens e Adultos requer um projeto pedagógico próprio por várias razões. Não se pode oferecer a mesma didática apresentada ao aluno do ensino diurno;</li> <li>• O educador sabe que ministrar aulas vai muito além da transmissão do conhecimento. O professor que trabalha com a EJA entende que seus alunos exigem muito mais que uma aula expositiva, explicativa, informatizada. O aluno da EJA precisa que seja apresentado a ele o que acontece todos os dias, ele quer participar, discutir, dialogar, discordar, testar, experimentar. Ele se reconhece como sujeito de fato, e como tal se comporta;</li> <li>• A Educação de Jovens e Adultos vem sofrendo uma mudança no seu alunado em relação a faixa etária apontado por autores...Desde a década de 90 o aumento significativo de matrículas de jovens na EJA o que vem a fazer com que seja feita a análise do porque</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O preconceito, o cansaço de um dia de trabalho, para aquele que tem trabalho, e os outros que passaram o dia todo ouvindo “não tem vaga para quem não tem escolaridade completa”, as exigências do mercado de trabalho, a falta de oportunidades, com baixa auto estima, impulsiona—o muito mais a desistir do que a prosseguir;</li> <li>• O aluno deixa de estar no tempo certo estudando para realizar trabalho informal, passa a sua infância e juventude trabalhando e não tem desejo de estudar, porque o serviço lhe dá um retorno imediato. O salário, enquanto que a escola ele tem que conquistar os resultados após um esforço intelectual que não há uma grande valorização de imediato e como o jovem quer resultado rápidos troca os bancos escolares da escola diurna pelo trabalho;</li> </ul>

<p>é transmitido a ele e a seus pais é que com aquela turma ele não consegue “render”. Quando teremos políticas responsáveis que enxerguem as necessidades destes jovens?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acredito que o espaço do jovem é a escola, “a escola por excelência é o espaço do saber” ( Informação Verbal) a escola é onde se constrói e reconstrói os conceitos;</li> <li>• Para ocuparem este espaço acabam desafiando –se em brigas que para muitos são constantes. Os jovens passam manhãs inteiras dentro das direções das escolas e não frequentam a sala de aula. Este mesmo jovem que enfrenta todos com a força física e verbal, pelos seus ideais momentâneos, não percebe que está se prejudicando;</li> <li>• Temos que analisar essas questões que nos são apresentadas e mostrar a este jovem que ele é um ser capaz de adquirir conhecimento. É o que todos os dias vemos ou desejamos ver em nossas escolas;</li> <li>• E estes perdem sua juventude dormindo, assistindo TV até amanhecer e não indo para escola;</li> <li>• No depoimento dos alunos há a história de exclusão do diurno: eles se sentem retirados, pelas repetências, pelos envolvimento em questões de indisciplinas, por não conseguirem mais frequentar a escola porque tem que trabalhar, por não conseguirem mais acompanhar aos menores nas atividades que são diferenciadas e não são atrativas para os mesmos;</li> <li>• Muitos ficam na ociosidade, no esquecimento, à mercê das</li> </ul>	<p>estes jovens estão saindo das escolas diurnas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O não estar presente a sala de aula faz pensar o que a escola esta trabalhando para que este aluno não tenha vontade de vir assistir as aulas;</li> <li>• Estes jovens chegam à EJA com esta carga de fracassos, erros, desistências, negações, com a baixa autoestima;</li> <li>• Saem do diurno com sonhos, desejos de dar continuidade nos seus estudos, mas, quando vai se aproximando do final do ano a evasão é geral. Se formos enumerar as falhas no sistema educacional percebermos que a escola enfrenta todas as dificuldades apresentadas pela sociedade atual, violência, drogas, professores desmotivados com seus salários, pais que precisam trabalhar e deixam seus filhos, sem um responsável maior de idade para cuidá-los e orientá-los, o trabalho deste jovem. Mas é na escola que este jovem se vê como ser humano e é assim enxergado;</li> <li>• E assim este jovem é convidado a se retirar do espaço escolar diurno. Eles vem para Educação de Jovens e Adultos cheios de ideais, mas a história não se desvenda assim. Eles frequentam um período que às vezes chega a ser um mês e saem da escola. Neste momento começa o que já havia acontecido e dia, chama-se os pais dialoga-se com eles faz-se combinações e espera-se que estes jovens retornem para os bancos escolares, mas eles não retornam.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se não der certo aqui não tem outro local para concluir sua escolarização. Os conhecimentos prévios são essenciais para que professor e aluno se comuniquem e estes se sintam valorizados, ter um significado a escola, as relações, os elos que são construídos, mas este jovem deixa o saber por trabalho;</li> </ul>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>drogas, do destino, que não é a educação escolar. O jovem tem que ter disposição para o aprender, o querer, o significado com a lógica do saber;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Com a análise dos questionários observei que o jovem sai da escola diurna sem saber o porquê saiu, e se culpa de todas as falhas que ocorreram consigo, as suas repetências, o seu não aprender determinados conceitos, ter que trabalhar, as faltas negativas que ele avalia em sua etapa na escola. Em diálogo com os jovens eles dizem que agora irão mudar que se comprometeram mais. Que irão se esforçar para avançarem, só que em contra partida param de estudar quando se sentem cobrados de alguma forma;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os professores se questionam tentam de todas as formas realizar um trabalho pedagógico voltado a construção com o diálogo, com um currículo apropriado a suas necessidades, e este jovem não fica ali no seu lugar.</li> <li>• Se não der certo aqui não tem outro local para concluir sua escolarização. Os conhecimentos prévios são essenciais para que professor e aluno se comuniquem e estes se sintam valorizados, ter um significado a escola, as relações, os elos que são construídos, mas este jovem deixa o saber por trabalho;</li> <li>• A Educação de Jovens e Adultos vem apresentando muitas variações ao longo dos anos, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas e seguindo aos avanços tecnológicos para desta forma atuar com o jovem. Continua sendo um trabalho que requer uma nova reestruturação educacional, devendo alargar sua prática para que seja analisado o que ocorre que este jovem não permanece na Educação de Jovens e Adultos;</li> <li>• Suas particularidades não são atingidas. Na trajetória de vida deste jovem, a história da mudança de turno de escola faz com que perca o seu eixo. A primeira coisa que eles dizem quando entram na Educação de Jovens e Adultos é que ali é a sua última chance, como se até então eles estivessem invisíveis a todos;</li> </ul>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



## 4. Título: Currículo e Identidades na EJAdecente

Autor (a): Liege Teixeira

Ano: 2011

<b>METODOLOGIA</b>	<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>MARCO TEÓRICO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>pesquisa do tipo participante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>entrevista semi-estruturada junto aos professores, alunos e equipes diretivas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Juarez Tarcisio Dayrell</li> <li>Carlos Henrique dos Santos Martins</li> <li>Paulo Cesar Rodrigues Carrano</li> <li>Antonio Flávio Moreira</li> <li>Tomaz Tadeu da Silva</li> <li>Carlos Rodrigues Brandão</li> <li>Benedito Gonçalves Eugênio</li> <li>Sita Mara Lopes Sant'Anna</li> <li>Jamil Cury.</li> </ul>
<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Sem perspectivas</li> <li>Gravidez não desejada</li> <li>Manifestações culturais</li> <li>Indisciplina</li> <li>Heterogenia</li> <li>Diversidade</li> <li>Potencialidade</li> <li>Rebeldia</li> <li>Obrigatoriedade</li> <li>Convívio social</li> <li>Transição à vida adulta</li> <li>Culturas juvenis</li> <li>Displcentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Juvenilização da EJA</li> <li>Curriculo</li> <li>Novas responsabilidades na EJA</li> <li>Durno</li> <li>Engessamento</li> <li>MOBRAL</li> <li>Analfabetismo</li> <li>Flexibilidade curricular</li> <li>Curriculo formal e informal</li> <li>Marginalizados</li> <li>Participação</li> <li>Afeto</li> <li>Tripla jornada</li> <li>Ideologia</li> <li>Mão de obra qualificada</li> <li>Desenvolvimento econômico</li> <li>Erradicação do analfabetismo</li> <li>Perspectiva Emancipatória</li> <li>Assistencialismo e conservadorismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Mundo do trabalho</li> <li>Profissão</li> <li>Afastamento da EJA</li> </ul>
<b>IDÉIAS SOBRE ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>IDÉIAS SOBRE TRABALHO</b>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• a partir de um cotidiano composto por jovens que, muitas vezes, vivem sem perspectiva, sem projeto de vida ou sem saber o que querem e para onde irão;</li> <li>• É necessário garantir a esse segmento da sociedade, o qual é marginalizado pelas suas condições socioeconômicas, acesso a cultura letrada que lhe amplie a visão de mundo, possibilite, principalmente aos jovens, o desejo perdido do ideal político, da transformação social, para que eles atuem de forma mais ativa no mundo do trabalho, na política e na cultura;</li> <li>• A escola é composta por diversas relações, por intenções variadas e por sujeitos que diferem muito entre si e que, por razões também diversas, precisam conviver, trocar, aprender, rever crenças. Em um único espaço encontra-se uma grande diversidade de sujeitos que fazem o espaço escolar ser, talvez, uma das maiores instituições sociais que temos;</li> <li>• Uma outra forma de perceber estes jovens é vê-los como sujeitos de diversidade, ou seja, que eles têm experiências de vida anteriores à escola, sofrimentos, relações sociais de sucesso e insucesso, projetos, valores, que são diferentes e que buscam a escola, porque ela é a instituição que irá validar a ascensão que desejam;</li> <li>• No entanto, e mesmo reconhecendo a importância dessa perspectiva (heterogenia), não se pode esquecer que estes jovens foram inseridos em uma sociedade que já tinha uma estrutura constituída quando nasceram. Portanto, as opções oferecidas e formas de vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hoje, já é possível falar num segmento da Educação de Jovens e Adultos que compreende a Educação de Adolescentes de modo mais específico em função das singularidades deste grupo etário e, também, porque eles são maioria a ocupar os espaços nas escolas que oferecem esta modalidade de ensino;</li> <li>• Após uma grande lacuna de ações para a EJA, na década de 90 os estados e municípios assumem, com o mínimo de financiamento, ações para esta modalidade e as reformulações pedagógicas começam a acontecer. O público que busca a EJA deixa de ser o de uma maioria adulta e trabalhadora, passando para uma maioria de adolescentes com algum tipo de vulnerabilidade social, histórico de repetência e de evasão escolar e comportamentos “inadequados”.</li> <li>• O público que busca esta modalidade é constituído de adolescentes e adultos que tiveram passagens fracassadas pela escola e, entre eles, adolescentes que foram excluídos do sistema regular;</li> <li>• Não é possível esquecer que estes jovens estiveram, alguns por muito tempo, no ensino regular, outros o abandonaram por inúmeras causas, mas retornam também por diferentes motivos;</li> <li>• O currículo é um campo complexo. Faz-se necessário investigar os tempos históricos para compreender que as questões que perpassam o espaço escolar, e o currículo, estão relacionadas às lutas sociais, econômicas, políticas e ideológicas; não, isoladas delas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todo este processo de industrialização promove o surgimento desta nova sociedade em que a garantia de sucesso profissional estava ligada à comprovação de também sucesso na trajetória escolar;</li> <li>• Motivos da migração para a EJA, os alunos dizem ter vindo estudar na EJA, porque, para eles, esta é a possibilidade de concluir o Ensino Fundamental mais rápido e para poderem trabalhar durante o dia;</li> <li>• Todos desejam ter um futuro melhor e depositam na escola a esperança de que, através da escolarização formal, conquistarão um bom emprego;</li> <li>• Conforme a pesquisa, são inúmeros os motivos para o afastamento do jovem aluno: o cansaço após um dia de trabalho, o desinteresse, as intimidações, o cotidiano perverso em que vivem, o não conseguir aprender e o distanciamento entre os saberes escolares e não escolares.</li> </ul>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>para estes jovens se limitavam aquilo que seus pais, por exemplo, já viviam. Poderiam estar fadados à reprodução desta história;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• É importante que a escola entenda, para melhor explorar positivamente, que esta juventude que ali está passa por dois momentos significativos. Um deles refere-se à fase da vida que corresponde à preparação, à transição para a vida adulta. O outro aspecto é a influência que a juventude, inserida em culturas juvenis diferentes, recebe do meio social ao qual pertence, sendo determinadas pelas questões de classe, relações de poder, cultura e outras manifestações daquele meio;</li> <li>• Um número bem expressivo também aponta a recuperação do tempo perdido em anos anteriores quando, neste caso os adolescentes, não levavam a escola a sério. Destacam, também, que hoje não têm idade para estar no diurno;</li> <li>• O grande desejo de todos é concluir o Ensino Fundamental com mais rapidez para recuperar o tempo perdido e “melhorar de vida”, como dizem, mas, ao mesmo tempo, se mostram displicentes com os seus fazeres na escola – o que inquieta os professores, levando-os a perceber estes jovens como simplesmente desinteressados pelo ato de aprender.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Com o fim da primeira Guerra Mundial, um novo cenário se desenha devido à organização industrial no Brasil, que tem um índice de 85% de analfabetismo. A burguesia, então, percebe a necessidade de alfabetizar estes trabalhadores analfabetos não com a intenção de garantia de direitos a estes, e sim como forma de mudar o poder político e fazer crescer a economia em benefício próprio;</li> <li>• Na verdade, todas as reformas foram de grande relevância para a história educacional e do currículo no Brasil, porque existia, também, o desejo de uma reconstrução social. Mas, o que ficou de marcante após todos estes movimentos foi apenas a criação de novos métodos e técnicas, que executavam, de forma melhorada, o mesmo currículo que trazia em si a ascensão da burguesia;</li> <li>• Mas é a partir de 1970, com a contribuição de Paulo Freire, que se passa a olhar verdadeiramente para os trabalhadores e a pensar um currículo a partir da existência concreta destes sujeitos;</li> <li>• Desta forma, faz-se necessário perceber os diferentes perfis para a construção do projeto pedagógico e seleção dos conteúdos bem como a abordagem dos mesmos sem a perda da qualidade;</li> <li>• Afinal, esta modalidade existe para atender esta demanda que esteve pela escola durante o diurno e não deu certo. Eles retornam para esta mesma instituição, geralmente, a mesma onde estudaram durante o dia, e novamente não obtém sucesso;</li> </ul>	
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Motivos de afastamento do aluno da EJA, vários elementos aparecem: o trabalho, problemas familiares, o cansaço, o inverno, os alunos que não querem aprender, as drogas, a falta de persistência etc., e todos eles estão ligados à realidade de cada um destes alunos quando estão fora dos muros da escola;</li><li>• Também é possível perceber que os professores, assim como os alunos, não veem como contribuição da EJA o conhecimento. Não referem a construção de conceitos, a relação destes com a vida, a promoção da emancipação por aquisição de conhecimento. Logicamente o socioafetivo compõe este currículo, mas não somente;</li><li>• Trabalhar em uma tripla jornada logicamente é desgastante, é cansativo, é perder em qualidade de vida e envolve aumentar a renda mensal diante da desvalorização desta categoria. Mas, não é possível, por conta dos fatores acima, oferecer uma aula mediana a estes alunos ou pensar que, por ser EJA, a qualidade do que é ensinado pode ser menor. Para atuar na EJA, tem que querer, e este desejo, ou não do professor, se evidencia no olhar que este destina aos seus alunos e no modo como os compreende;</li><li>• Conclui-se, pois, a partir de tudo o que foi identificado e aprendido com as respostas de alunos e professores, que discutir o currículo é muito mais do que tirar ou colocar conteúdos em uma lista. Esta discussão diz respeito à identidade dos espaços de formação, à ideologia do grupo de formadores e às suas</li></ul>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>concepções relativamente aos sujeitos educandos e aos acontecimentos das vidas que estão à sua volta;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A Educação de Jovens e Adultos, no decorrer da história, passou por momentos de investimento, sendo estes destinados não para o sucesso do sujeito que a recebia, mas para fazer crescer a economia e a riqueza a partir da mão de obra qualificada.</li> <li>• programas, campanhas e planos foram estruturados por diversos governos com a intenção de erradicar o analfabetismo e elevar a escolaridade, porque tal situação era entendida como a responsável pelo não crescimento econômico do país;</li> <li>• Estendendo a pesquisa aos professores, foi interessante perceber que estes têm as mesmas percepções dos alunos: a escola é um espaço de vínculos e de convivência, a EJA é a possibilidade de conclusão mais rápida do Ensino Fundamental, também percebem o desinteresse, a não continuidade, mas não reconhecem o cotidiano deste jovem como currículo. Se apoiam em uma organização de conhecimento baseada em décadas passadas, enxergam o aluno indo embora da escola ou sendo expulso por ela, mas não conseguem pensar em uma reorganização de tempos, espaços e conteúdos que possibilite a estes sujeitos ampliar sua visão de mundo, fazer valer seus direitos, sendo também responsáveis por seus deveres.</li> <li>• Os professores compreendem que o aluno da EJA tem suas diferenças em relação ao aluno que está no “ensino regular”,</li> </ul>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>dizem atuar na EJA por acreditarem na proposta, nos alunos, na metodologia. Ficam as dúvidas sobre o quanto, na sala de aula, esta compreensão é lembrada, rompendo com a homogeneização dos alunos, os valores cristalizados e os saberes descontextualizados;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que impede perceber que, se estes jovens estão no ensino noturno, é porque já vivenciaram uma organização curricular e metodológica no diurno que não atenderam suas necessidades;</li> </ul>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

### 5. Título: A busca de novas relações na educação de jovens e adultos

Autor (a): Luciane Camboim Silva

Ano: 2012

<b>METODOLOGIA</b>	<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>MARCO TEÓRICO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisa quanti-qualitativa de tipo colaborativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Coleta de dados: questionário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paulo Freire</li> <li>• Bernard Charlot</li> <li>• Carmen Brunel</li> <li>• Paulo Carrano</li> <li>• Marília Sposito</li> </ul>
<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)</b>	<b>CONCEPÇÕES RELACIONADAS À TRABALHO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconforto docente</li> <li>• Imaturidade</li> <li>• Repetência</li> <li>• Descaso com o conhecimento e instituição</li> <li>• Conflitos</li> <li>• Arredios, Rebeldes</li> <li>• Estereótipos</li> <li>• Pré-classificados ao fracasso</li> <li>• Última chance de reverter condição social</li> <li>• Indisciplina</li> <li>• Sentimentos</li> <li>• Independentes</li> <li>• Responsáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Naturalização da juvenilização</li> <li>• Afetividade</li> <li>• Resgatar o tempo perdido</li> <li>• Descaso do governo</li> <li>• Ascensão Social e Cultural</li> <li>• Educação Popular</li> <li>• Analfabetismo</li> <li>• Contemporaneidade</li> <li>• Segunda chance</li> <li>• Relações de trocas</li> <li>• Diurno</li> <li>• Flexibilidade de ensino</li> <li>• Planejamento</li> <li>• Carga horária excessiva</li> <li>• Mecanizados</li> <li>• Sucateamento da educação</li> <li>• Heterogenia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho alienado</li> <li>• Mercado de trabalho</li> <li>• Mundo do trabalho</li> <li>• Trabalho informal</li> <li>• Conhecimento profissional</li> <li>• Independência financeira</li> <li>• Auxílio a família</li> <li>• Mercado restrito</li> <li>• Trabalho doméstico</li> <li>• Gênero</li> </ul>

IDÉIAS SOBRE ADOLESCÊNCIA/JUVENTUDE	IDÉIAS SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	IDÉIAS SOBRE TRABALHO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Há preocupação com as relações dentro do ambiente escolar pelo fato de estes adolescentes estarem cada vez mais numa faixa entre 15 e 17 anos e, na maioria das vezes, não demonstrarem, por atitudes e rendimentos, maturidade para frequentar tal modalidade que a rigor acontece à noite;</li> <li>• Se antes os alunos da EJA eram adultos que estavam há muito tempo fora da sala de aula, mas com uma sede de aprendizagem maior ainda, hoje em dia o perfil dos mais novos é o de repetência, de abandono da escola por vários motivos, de descaso com a aquisição dos conhecimentos e até mesmo da instituição que frequentam;</li> <li>• Quanto mais jovens eles chegam à EJA, mais arredios e distantes mostram-se. Parece-me que a rebeldia natural da idade multiplica-se como se quisessem, realmente, provar-nos que o sistema falhou com eles e, por consequência, nós professores também;</li> <li>• Esta relação difícil, segundo os professores, interfere diretamente na aprendizagem de todos [mais jovens e mais velhos] e vários serão os fatores com os quais os mesmos vão defender seus pontos de vista, entre eles: “alunos que não querem nada com nada”, “alunos imaturos e despreparados para frequentarem o noturno”, “família que apenas quer se livrar deles”, “escolas que não os aguentam mais no dia pela idade ou tamanhos muito superiores aos dos alunos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ingresso dos jovens, cada vez mais jovens, na EJA (BRUNEL, 2004) vem sendo motivo de discussão, preocupação, estranheza e reflexão por parte dos profissionais da educação diante de uma ação que deveria ser considerada normal (alunos muito jovens na EJA), mas é nova e diferente do propósito para quais muitos acreditam ter sido pensada a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.</li> <li>• Tendo sido um dos propósitos da EJA, na sua implantação, o de resgatar o tempo perdido para pessoas há muito anos fora da escola e com idade adulta, logo, todos os entendimentos e planejamentos eram direcionados a este público, com objetivo de terminar os estudos e à promoção no trabalho;</li> <li>• Falo em terreno perigoso porque corremos o risco de, ao mesmo tempo em que defendemos (nós, profissionais da educação) a iniciativa de criação e implantação da EJA, por motivos óbvios de recuperação de tempo e direitos sociais violados, estamos também “quase” aceitando a ideia de que os jovens, para quem também foi criada esta modalidade de ensino, são prejudiciais ou atrapalham o andamento regular da mesma. Como isto é possível?</li> <li>• A falta de incentivo, de motivação, a competição estimulada pelas políticas meritocráticas, como base para o crescimento profissional, a violência nas ruas e dentro de casa, a relação familiar modificada e a própria relação desta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabendo que a escola, historicamente, constituiu-se em bases reprodutivas de massas, de um saber sistemático e científico, sob a perspectiva racionalista, conclui-se que a escola foi organizada para certificar o indivíduo para o mundo do trabalho dentro de um sistema mecanizado, sem o compromisso com o pensar e o agir socialmente;</li> <li>• “o modelo capitalista atual [...] exige pouca mão-de-obra e muito especializada, dessa forma gerando desemprego, fome e miséria [...]”. Dentro desse contexto está a escola perdida entre o passado e o presente, entre o conservadorismo e a inovação, entre o homem e a máquina;</li> <li>• Os jovens estão buscando a sua inserção no mercado de trabalho por motivos variados: independência financeira, necessidade de ajudar em casa, de sustentar a casa, de sair de casa, etc. Por causa da baixa escolaridade, estes não conseguem um trabalho que lhes contemplem, no mínimo, o básico e acabam optando por situações não legalizadas, que em geral os exploram (principalmente quanto a horas de trabalho), tirando-lhes o vigor para os estudos.</li> <li>• apesar da expansão da escolaridade, os jovens estão mais propensos ao</li> </ul>

<p>regulares e os mandam para a noite sem estarem devidamente amadurecidos”, “falta de respeito e indisciplina”, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ainda mantém as suas bases na ordem e no controle absoluto, proíbe o som alto, os aparelhos eletrônicos, os bonés, a bagunça (desorganização própria do jovem), a manifestação das relações afetivas tão comuns a essa fase. Como a juventude vai se sentir nesse ambiente, se tudo aquilo que a identifica e a motiva é proibida na escola?</li> <li>• a escola, da forma que é apresentada para os alunos, realmente não lhes provoca interesse nenhum. A escola e as salas de aulas, ainda no mesmo formato dos tempos dos seus pais, não dialoga com os jovens e nem lhes proporciona desenvolver suas habilidades.</li> <li>• Mas, apesar de tudo, os alunos continuam acreditando na instituição escolar como forma de desenvolvimento e crescimento pessoal, social e profissional. A escola ainda é um espaço respeitado por eles e considerado por muitos como a última chance de modificarem sua realidade de desigualdades social e econômica;</li> <li>• Se há um tempo a maturidade se afirmava pela condição do primeiro emprego, hoje esta confirmação vem a partir do ingresso no estudo no turno da noite que, de certa forma, exonera os pais das responsabilidades em relação aos filhos. Este é o aluno que frequenta o ensino noturno e, frente à minha experiência</li> </ul>	<p>com a escola, o desemprego, a falta de oportunidades, a indefinição no futuro, todos estes aspectos têm de estar presentes dentro do processo educativo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vivemos o tempo do individualismo, da competição desenfreada, em ter ao invés de ser, da violência gratuita, do abandono das palavras mágicas, da homogeneização, onde o diferente atrapalha a “ordem e o progresso” da nação;</li> <li>• professor precisa estar atento porque vai ser ele o elo entre o aluno e as relações dele com o mundo, por isso, não pode tratar os jovens unicamente sob a ótica da preguiça e do desinteresse, quando na verdade eles se sentem descontextualizados do processo de aprendizagem e temerosos em relação ao futuro sem saber qual a real importância dos estudos na vida deles e na inserção no mundo do trabalho.</li> <li>• comprovamos dois assuntos muito pertinentes a este trabalho: primeiro a questão do ingresso de pessoas muito jovens na EJA; segundo, de não alcançando o “sucesso” no ensino regular, eles esperarem para concluí-lo na EJA, preferindo estudar à noite por acharem que, pela idade, serão melhores recebidos, “farão parte” e que este é o horário certo para frequentarem a Escola;</li> <li>• A Educação de Jovens e Adultos, como modalidade de ensino, surgiu com a intenção de trazer para</li> </ul>	<p>trabalho do que à própria escolarização;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Basicamente eles estão indo obrigados à escola para conseguirem melhores situações de trabalho, mesmo que este discurso não se efetive na prática de um mercado de trabalho cada vez mais restrito.</li> <li>• A vontade de independência financeira na maioria das vezes os mantém na escola, quando o contrário deveria ser o verdadeiro, ou seja, a partir da boa escolarização ingressar no mundo do trabalho;</li> <li>• Por consequência da inserção no mundo do trabalho, 12 dos 18 alunos consideraram ter menos de três horas de lazer (pelo menos no dia que escolheram) com as mulheres, ficando a frente dos homens neste perfil por conta do trabalho doméstico e dos remunerados informalmente (babás, manicure, faxina, etc.).</li> </ul>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



<p>com jovens, atrevo-me a dizer que eles são muito mais atitude (boas ou ruins) do que argumento e diálogo; portanto, chegam dispostos a não permitir que ninguém mais lhes diga o que fazer, o que vestir, com quem sair etc. acreditando estarem provando que já são adultos e, por consequência mercedores de frequentarem a escola à noite. Só que no caso da EJA, essas atitudes vão ocorrer dentro da sala de aula.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os alunos de hoje são muito jovens, desmotivados pelo sistema educacional vigente, com um histórico de repetência e indisciplina no dia. Passam para a noite muitas vezes por imposição dos pais, sem esquecer da obrigatoriedade legal até os 17 anos, ou para buscarem na noite uma compreensão e até mesmo respeito maiores;</li> <li>• Frequentar o noturno lhes dá o status de adulto, de não precisar ser tão vigiado pelos pais, que raramente vão à escola, por também os considerarem suficientemente independentes para assumirem as responsabilidades do estudo à noite;</li> <li>• Vários são os sinais emitidos pelos jovens para a ausência de sentido da educação escolar hoje e que não gostariam de ver reproduzida na EJA;</li> </ul>	<p>dentro da sala de aula aqueles que não tiveram acesso à educação escolar no tempo adequado, em sua maioria, as pessoas mais velhas, e diminuir o analfabetismo no Brasil;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pelos baixos índices de aproveitamento nas escolas, o governo culpa os professores que não se atualizam e não apresentam atividades diferenciadas. Já os professores, por sua vez, culpam o governo que não os remunera com dignidade, nem dá a atenção necessária à educação, tendo nele o maior responsável pela não qualificação continuada dos professores, além das salas de aulas lotadas e carga horária excessiva; tem também os alunos que são desinteressados e de que nada consegue lhes agradar;</li> <li>• “escolhem” ir para a EJA,.. refletimos aqui que não chega a ser uma questão de imposição, mas que toda a escolha vai partir de um contexto social e de que forma haverá escolha se não forem oferecidas oportunidades iguais ou que contemplem de diferentes formas as habilidades dos alunos e, principalmente, a certeza de um espaço democrático e proporcionador da autonomia, do direito ao diálogo e da argumentação;</li> <li>• O desafio do educador da EJA em se renovar, nos tempos atuais, talvez seja a maior de todas as modalidades de ensino existentes. Talvez, ainda mais do que outros profissionais da educação, o que trabalha com jovens e adultos deveria retirar do</li> </ul>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>seu dicionário a palavra homogeneidade. As salas de aulas vão comportar tantas diferenças, tantas trajetórias de vidas, tantos olhares, tantos desejos, tantas angústias, tanta pluralidade, que a única palavra que não se encaixa aqui é homogeneidade;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• As prioridades de alunos e alunas que frequentam o noturno modificaram-se de acordo com as transformações mundiais;</li><li>• Se no início eu defendia a ideia de que os jovens não deveriam estar ocupando o espaço dos mais velhos que queriam e precisavam estudar, hoje já me considero uma defensora da inserção e permanência dos mais jovens na EJA.</li></ul>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

## APÊNDICE B

### MAPA DE PRODUÇÕES DE CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO UFRGS – CIÊNCIAS HUMANAS

#### Articulando Descritores

TÍTULO	AUTOR	ANO	DESCRIÇÃO FÍSICA	CURSO	ASSUNTOS	DESCRIPTOR	PALAVRA-CHAVE
O que eles querem? representações de adolescentes sobre a EJA	<u>Gomes, Valesca dos Santos</u>	2011	23 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u> <u>Juventude</u>	<b>Adolescentes</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b> <b>Juventude</b>	Juvenilização; Representações; EJA
Adolescentes na EJA	<u>Silva, Rosângela Piva da</u>	2011	47 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u> <u>Educação de jovens e adultos</u>	<b>Adolescentes</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b> <b>Juventude</b>	Não tem
Adolescência na EJA : desafios e possibilidades	<u>Alves, Jaqueline da Silva</u>	2011	78 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u> <u>Educação de jovens e adultos</u> <u>Indisciplina</u>	<b>Adolescente</b> <b>Adolescência</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b> <b>Juventude</b>	EJA; Adolescentes; Indisciplina Relação com o saber
Repensar a educação de jovens e adultos para o público atual dessa modalidade	<u>Seidel, Susana</u>	2011	57 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u> <u>Ensino fundamental</u>	<b>Adolescência/ Adolescentes</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b> <b>Juventude</b>	Ensino Fundamental; Matemática; Metodologias de Ensino
Formação do professor na EJA : saberes profissionais e saberes de experiência feita	<u>Bitencourt, Francisco Froes Fagundes</u>	2011	55 pgs	EJA PL	<u>Educação continuada</u> <u>Educação de jovens e adultos</u> <u>Formação Professor</u>	<b>Educação de Jovens e Adultos</b> <b>Adolescência</b>	EJA; Formação Profissional Continuada; Saberes Docentes
Currículo e identidades na EJA Adolescente	<u>Teixeira, Liége</u>	2011	106 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u> <u>Currículo</u> <u>Educação de jovens e adultos</u> <u>Identidade</u>	<b>Adolescente</b> <b>Juventude</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	EJA Adolescente; Currículo Identidades Docentes e Discentes
A educação de adolescentes	<u>Souza, Lisiane</u>	2011	73 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u>	<b>Adolescente</b>	Educação;

intra e extramuros: lugares para aprender e privação de liberdade	<u>Alvares de</u>				<u>Privação de liberdade</u>	<b>Educação de Jovens e Adultos</b>	ECA Medida Socioeducativa
A execução das medidas sócio-educativas em meio aberto de prestação de serviços à comunidade - PSC e liberdade assistida - LA : um relato de experiência	<u>Neumann, Patrícia Ana</u>	2011	54 pgs	Psicologia Clínica: Ênfase em Saúde Comunitária	<u>Adolescente</u> <u>Medidas socioeducativas</u> <u>Vulnerabilidade</u>	<b>Adolescente</b> <b>Juventude</b>	Adolescência Ato infracional Medidas sócio-educativas
'470, é nois na fita! ' : práticas culturais e construção de identidades juvenis em uma periferia urbana	<u>Custódio, Juscará Madalena</u>	2011	54 pgs	Pedagogia da Arte	<u>Identidade</u> <u>Juventude</u> <u>Periferia urbana</u>	• <b>Juventude</b> • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Juventudes Práticas Culturais Movimento Hip Hop Grafitti Rap Identidades Gênero Educação
O agente socioeducador no espaço do Centro de Convivência da Fundação de Atendimento Sócio-Educativo-Fase/RS : diferentes concepções de uma mesma atuação	<u>Tavares, Adriana Prates</u>	2011	49 pgs		<u>Educador</u> <u>Relações de trabalho</u>	• <b>Juventude</b> • <b>Trabalho</b> • <b>Adolescência/Adolescentes</b> • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Atendimento Socioeducativo Adolescentes CECON-FASE Relações de trabalho
Trabalho como ferramenta de inclusão social : contribuições a partir do acompanhamento a iniciativas de geração de trabalho e renda	<u>Rauber, Ana Lua Sarmiento</u>	2012	51 pgs	Educação em Saúde Mental Coletiva	<u>Inclusão social</u> <u>Saúde coletiva</u> <u>Trabalho</u>	• <b>Trabalho</b> <b>Adolescentes</b>	Trabalho Geração de Renda Saúde Mental Coletiva
<b>A busca de novas relações na educação de jovens e adultos</b>	<u>Silva, Luciane Camboin</u>	2012	46 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u> <u>Educação de jovens e adultos</u>	<b>Adolescente</b> <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Educ.JA; Adolescentes Relações com o saber

<b>Laboratório de aprendizagem na EJA : expectativas que se (des)encontram</b>	<u>Santiago, Luciane Teresinha Munhoz</u>	2012	47 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Intervenção</u>	<b>Adolescência</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	EJA  Laboratório de aprendizagem  Intervenção  Proposta pedagógica
Políticas públicas para a EJA e a intersectorialidade : um diálogo possível?	<u>Santos, Diovane Alves dos</u>	2012	45 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Políticas públicas</u>	<b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	EJA;  Acesso  Permanência  Evasão  Intersectorialidade
<b>(Des)encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na educação de jovens e adultos</b>	<u>Schönardi e, Adriana Tomiello</u>	2012	26 pgs	EJA PL	<u>Atividades docentes</u>  <u>Educação de jovens e adultos</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trabalho</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Trab.Docente;  Trab.Pedagógico  Escola  Reflexões  Educ.JA
<b>Comparações entre EJA e ensino regular</b>	<u>Farias, Patrício Leandro Dias</u>	2012		EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Ensino regular</u>	<b>Adolescência</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	
Avaliação na EJA : as concepções dos programas Projovem e Alfabetização Solidária e suas implicações para a qualidade em educação	<u>Dahm, Daniela Diniz</u>	2012	45 pgs	EJA PL	<u>Avaliação da educação</u>  <u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Políticas públicas</u>	<b>Adolescência</b>  <b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Educ. JA  Políticas publicas  Avaliação  Qualidade em educação
<b>O sujeito da educação de jovens e adultos como reingresso</b>	<u>Colares, Michael Marques</u>	2012	145 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Evasão escolar</u>  <u>Permanência na escola</u>	<b>Adolescente</b>  <b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Regressos da EJA  EDuc.JA  Motivos de permanencia e desistencia
Adolescentes em conflito com a lei e o processo de acolhida nas escolas : desvelando preconceitos, (re) construindo possibilidades	<u>Silva, Priscila Klein da</u>	2012	50 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Juventude</u>  <u>Medidas socioeducativas</u>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Jovens  Ato infracional  Educação  Acolhimento

Educação social : o que a prática nos traz	<u>Rossato, Ivania Beatris Barduil</u>	2012	44 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Educação não-formal</u>  <u>Educação social</u>	<b>Adolescência</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>  <b>Juventude</b>	Educ. Social Educ. NãoFormal Ássist. Social Formação
A prática do cotidiano : planejamento na educação de jovens e adultos	<u>Ferreira, Cristiane dos Santos Amaral</u>	2012	61 pgs	EJA PL	<u>Currículo</u>  <u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Planejamento educacional</u>  <u>Prática pedagógica</u>	<b>Adolescência</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Planejamento  Práticas pedagógicas  Educ. JA  Currículo
Educação de jovens e adultos : encantamento e permanência	<u>Machado, Jeferson Ventura</u>	2012	155 pgs	EJA PL	<u>Currículo</u>  <u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Evasão escolar</u>  <u>Permanência na escola</u>	<b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Educ. JA  Permanência  Evasão  Currículo
As identidades juvenis presente na EJA: como as tecnologias digitais podem trabalhar as dificuldades de aprendizagem	<u>Tavella, Tania Maria</u>	2012	52 pgs	EJA PL	<u>Aprendizagem</u>  <u>Dificuldades de aprendizagem</u>  <u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Material didático digital</u>  <u>Tecnologias de informação e comunicação (TICs)</u>	<b>Juventude</b>  <b>Adolescência</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Tecnologias digitais  Dificuldades de aprendizagem  Educ.JA
Políticas públicas de juventude : interfaces entre educação e formação profissional alguns apontamentos também sobre o programa de privação de liberdade	<u>Teixeira, Ana Maria Rotili</u>	2012	35 pgs	EJA PL	<u>Educação de jovens e adultos</u>  <u>Políticas públicas</u>  <u>Privação de liberdade</u>  <u>Profissionalização</u>	• <b>Juventude</b>  • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Políticas publicas  Juventude  Educação  Profissionalização
O balançar na carroça e as andanças pelo espaço escolar : narrativas	<u>Simões, Alexandre Pereira</u>	2012	52 pgs	EJA PL	<u>Catador de lixo</u>  <u>Educação de jovens e</u>	<b>Trabalho</b>  <b>Juventude</b>  <b>Adolescência</b>	Educação  Trabalho  Educação Popular

sobre a escola de um grupo de catadores de uma vila de Porto Alegre					<u>adultos</u> <u>Educação popular</u> <u>Trabalho</u>	<b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Catadores Narrativas Movimentos Sociais Direitos Sociais
Adolescência, ato infracional e educação : Um estudo de caso em centro de atendimento socioeducativo	<u>Dalmolin, Juliana Larruscain</u>	2012	53 pgs	EJA PL	<u>Adolescente</u> <u>Estudo de caso</u> <u>Privação de liberdade</u>	<b>Adolescente Adolescência</b>	Adolescência Ato infracional Escola
Culturas juvenis no Programa Mais Educação : diálogos com os educadores	<u>Silva, Rita de Cássia Cardoso da</u>	2013	15 pgs	Educação Integral Integrada.	<u>Cultura</u> <u>Educação integral</u> <u>Juventude</u> <u>Programa Mais Educação.</u>	• <b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Juventude Culturas Juvenis Mais Educação
Política nacional da saúde dos adolescentes e jovens : interface com a atenção básica	<u>Asquidami ni, Fabiane</u>	2014	41 pgs	Saúde Coletiva e Educação na Saúde	<u>Atenção primária à saúde</u> <u>Juventude</u> <u>Programa Mais Médicos.</u>	<b>Adolescente</b>  <b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Não tem
Cultura juvenil e a lei : o papel da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na Educação Integral para os jovens	<u>Oliveira, Natália Lara de</u>	2015	18 pgs	Educação Integral na Escola Contemporânea	<u>Cultura</u> <u>Educação integral</u> <u>Juventude</u>	• <b>Juventude</b>  <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Lei Multidimensional Jovens Turno Ampliado Espaço Educacional

**LEGENDAS:**

Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Ênfase em Saúde Comunitária.

Curso de Especialização em Psicologia Clínica.

Curso de Especialização em Psicologia Escolar.

Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Curso de Especialização em Mídias na Educação

Curso de Especialização em EJA e Privados de Liberdade.

Curso de Especialização em Psicologia, ênfase em Infância e Família: avaliação, prevenção e intervenção

Especialização em Educação Integral Integrada.

Curso de Especialização em Psicologia Clínica, ênfase em Terapia Cognitivo-Comportamental.

Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Curso de especialização em formação integrada multiprofissional em educação e ensino da saúde.

Curso de Especialização em educação, Sexualidade e Relações de gênero.

## APÊNDICE C

### MAPA DE PRODUÇÕES DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-UFRGS

(Licenciatura e Licenciatura Ensino à Distância)

TÍTULO	AUTOR	ANO	DESCRIÇÃO FÍSICA	ASSUNTOS	DESCRIPTOR DE BUSCA	PALAVRA-CHAVE
Indicadores de uma educação com qualidade para jovens e adultos	Dahm, Daniela Diniz	2008	71 pgs	Educação de jovens e adultos Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Formação Prática pedagógica Professor Qualidade	<b>Educação de Jovens e Adultos</b>  <b>Adolescentes</b>	Qualidade em Educação;  Avaliação em EJA;  Formação de Professores
Por que choras? O lugar da sensibilidade em uma tribo juvenil contemporânea: os Emos	Simão, Angela Schirmer	2008	50 pgs	Adolescente  Grupo social  Sexualidade	• <b>Juventude;</b>  • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Juventudes;  EMO;  Sexualidade
Índices e sinais : marcas de singularidade nos modos de apropriação da língua escrita por adultos	Teixeira, Elisangela Fofonka	2008	52 pgs	Alfabetização Educação de adultos Escrita	• <b>Adolescência;</b>  • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Apropriação da língua escrita;  Singularidades;  Alfabetização de Adultos
Relação entre conselho tutelar e escola : miradas na produção de sujeitos de direitos	Guterres, Priscila Guadalup e dos Santos	2009	5º pgs	Conselho tutelar Direito Escola Sujeito	• <b>Adolescência/A dolescente;</b> • <b>Juventude;</b> • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Escola;  Conselho Tutelar;  Sujeito de Direito
Educação e trabalho infanto-juvenil : um recorte no estado da arte	GOMES, Martina Pereira	2009	64 pgs	Estado da arte Trabalho infantil	• <b>Adolescência/A dolescente;</b> • <b>Trabalho</b> • <b>Juventude;</b> • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Educação;  Trabalho Infanto-juvenil;  Estado da Arte.
A mulher jovem nas ruas: seus mecanismos de resistência, suas construções socioculturais e o papel da EMEF Porto Alegre como território de assistência,	Nascimento, Patrícia Ribeiro do	2009	57 pgs	Gênero Morador de rua Mulher Negros	• <b>Adolescência/A dolescente;</b> • <b>Juventude;</b> • <b>Educação de Jovens e Adultos</b>	Jovem em situação de rua;  Gênero;  EJA



referência e emancipação						
Educação de jovens e adultos : especificações desta modalidade de ensino	Mattes, Ana Cristina	2010	47 páginas	Alfabetização Educação de jovens e adultos Prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização; Práticas Pedagógicas
Educação de jovens e adultos e seu contexto escolar	Del Monego, Ana Cláudia Silveira	2010	37 pgs	Educação de jovens e adultos Política educacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Políticas Educacionais; História da EJA; Processos Escolares da EJA.
As abordagem metodológica dos profissionais da EJA	Santos, Márcia Aparecida	2010	30 pgs	Educação de jovens e adultos Prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Práticas Pedagógicas; Sujeitos; Respeito às Culturas; Adultos; EJA.
Avaliação da aprendizagem e a permanência de alunas na EJA : um desafio para os educadores	Luz, Ivone Silva da	2010	50 pgs	Avaliação Educador EJA Permanência na escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	EJA; Avaliação; Aprendizagem; Permanência
<b>Juvenilização na EJA : experiências e desafios</b>	Silva, Líbia Suzana Garcia da	2010	108 pgs	Educação de jovens e adultos Juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/A Adolescente;</b></li> <li>• <b>Trabalho</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	EJA; Juvenilização; Estágio
O planejamento como prática indispensável para ressignificar e dar sentido ao trabalho das professoras junto à educação de jovens e adultos	Leite, Graciela da Silva Meirelles	2010	56 pgs	Educação de jovens e adultos Planejamento educacional Prática docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos;</b></li> <li>• <b>Trabalho</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Planejamento Didático Pedagógico; Prática Docente na EJA
Currículo e metodologia da EJA : uma questão em reconstrução	Marquez, Sandra	2010	31 pgs	Currículo Educação de jovens e adultos Metodologia do ensino	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Currículo; Aluno; Professor; Metodologia de Ensino; Educação de Jovens e Adultos
EJA : entre a utopia e a prática com qualidade	Mattes, Kelli Caroline	2010	59 pgs	Educação de jovens e adultos Prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Qualidade
Relação professor/aluno : a importância da afetividade no ambiente escolar	Michels, Silvana Beatriz Cipriano	2010	36 pgs	Afetividade Educação de jovens e adultos Relação professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Relacionamento; Afetividade; Sentimentos; Ensino; Aprendizagem

Os sentidos da escola para os alunos da EJA	Sobotyk, Luciene Borba	2010	47 pgs	Educação de jovens e adultos Exclusão social Protagonismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	EJA; Exclusão Social; Protagonismo
'Por que motivos você está estudando?': narrativas orais e escritas de adultos que frequentam a escola	Villa, Luciane Marcon	2010	53 pgs	Alfabetização Educação de jovens e adultos Estudos culturais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência</b></li> <li>• <b>Trabalho;</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Estudos Culturais; Alfabetização de Adultos; Escolarização
A educação de jovens e adultos enquanto espaço de pertencimento: um estudo de caso	Gilli, Fernanda dos Santos	2010	46 pgs	Educação de jovens e adultos Permanência na escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	EJA; Permanência; Pertencimento
Articulação de saberes em teia : em busca de uma abordagem dialógica transdisciplinar em EJA	Maia, Alessandro	2010	50 páginas	Educação de jovens e adultos Transdisciplinaridade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Dialógica; Transdisciplinariedade
Portas fechadas e frestas vislumbradas : quando as tecnologias promovem uma nova visibilidade	Guterres, Maria Beatriz Santos	2010	65 pgs	Deficiente Educação de jovens e adultos Tecnologias de informação e comunicação (TICs)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/ Adolescência</b></li> <li>• <b>Educação de jovens e adultos</b></li> </ul>	EJA; Alunos Portadores de Necessidades Especiais; Tecnologias de Informação e Comunicação; Arquiteturas Pedagógicas.
Educação escolar e apoio socioeducativo : um diálogo a ser construído	Luz, Juliana Holz	2010	58 pgs	Educação formal Educação não-formal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>JUVENTUDE</b></li> </ul>	Apoio socioeducativo; Educação Escolar; Educação não escolar
Políticas públicas e a escola : um olhar sobre uma política de governo em uma escola estadual de Porto Alegre- RS	Ozorio, Julia da Silveira	2010	41 pgs	Escola Política pública Trabalho infantil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/ Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos;</b></li> <li>• <b>Trabalho;</b></li> </ul>	Escola; Trabalho Infanto-juvenil;
O protagonismo teatral de crianças e pré-adolescentes	Schneider, Marcelo	2010	32 pgs	Ensino fundamental Protagonismo juvenil Teatro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos;</b></li> </ul>	Ensino Fundamental; Teatro; Protagonismo Juvenil
Quais são as possibilidades de alunos do Ensino Fundamental ter um bom entendimento sobre Cidadania : direitos e deveres?	Peres, Luciana Patricia da Silva	2010	EAD	Cidadania Desenvolvimento moral Produção do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Cidadania; Conhecimentos; Desenvolvimento Moral.
O planejamento como prática	Leite, Graciela	2010	56 páginas	Educação de jovens e adultos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/ Adolescentes;</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos;

indispensável para ressignificar e dar sentido ao trabalho das professoras junto à educação de jovens e adultos	da Silva Meirelles			Planejamento educacional Prática docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos;</b></li> <li>• <b>Trabalho</b></li> </ul>	Planejamento Didático Pedagógico; Prática Docente na EJA
A indisciplina em uma instituição escolar	Teixeira, Angela Cloé Pacheco	2010	36 pgs	Indisciplina Instituições de ensino	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Juventude</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Indisciplina; Séries Iniciais; Professor, aluno e família
Nas entrelinhas da relação professor-aluno : o vínculo afetivo	Evalte, Tatiana Telch	2010	30 pgs	Afetividade Relação professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de jovens e Adultos</b></li> </ul>	Vínculo; Transferência; Relação professor - aluno
A influência das mídias na educação de jovens e adultos e a prática pedagógica	Kirsch, Marivani Briddi	2010	35 pgs	Educação de jovens e adultos Mídia Projeto pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Educação de jovens e adultos</b></li> </ul>	Autonomia; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Mídia
Os Desafios da integração dos conhecimentos em turmas multisseriadas da zona rural	Ritter, Gizelda Hahn do Nascimento	2010	55 pgs	Classe multisseriada Interdisciplinaridade Projeto pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Classe multisseriada; Projeto Pedagógico; Interdisciplinariedade
Os projetos de trabalho : um caminho para a interdisciplinaridade	Winter, Belmira Cristina	2010	45 pgs	Escola Interdisciplinaridade Projeto Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência</b></li> <li>• <b>Trabalho;</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Escola Interdisciplinaridade Projeto Trabalho
O movimento sindical como espaço educativo : formação política do trabalhador	Pegoraro, Camile	2010	50 pgs	Educação formal Educação não-formal Formação política Movimento sindical Trabalhador	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Formação Política; Educação Formal e Educação Não-Formal
Práticas diferenciadas em sala de aula	Cardoso, Ana Paula Pereira	2010	40 pgs	Sala de aula Tecnologia Trabalho em equipe	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trabalho</b></li> <li>• <b>Educ.Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Tecnologia; Trabalho em equipe; Sala de Aula
A importância do trabalho coletivo para o desenvolvimento da criança	Machado, Alexandra Stell	2010	42 pgs	Autonomia Cooperação Desenvolvimento infantil Trabalho coletivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trabalho;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Grupo; Cooperação; Autonomia
Relações entre educação e trabalho na educação de jovens e adultos : estudo de caso sobre a Percepção dos estudantes	Peixoto, Caroline Maurmann	2011	53 pgs	Educação de jovens e adultos Representação social Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trabalho;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos;</b></li> </ul>	Educação de Jovens e Adultos; Trabalho-Educação; Representação Social

Educação de jovens e adultos : (de)form(ação)?	Gonçalves , Márcia Mesquita da Rosa	2011	45 pgs	Educação de jovens e adultos Formação Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Formação de Professores; EJA; Práticas Educativas
Discutindo articulações possíveis entre os conhecimentos dos alunos e da professora para promover aprendizagens significativas	Mancuso, Lívia	2011	49 páginas	Conhecimento Relação professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Conhecimentos dos Alunos; Aprendizagens Significativas; Práticas Pedagógicas sobre Alimentação
A escrita tecendo sentidos : um instrumento de criação dos sujeitos	Nardin, Daniela Villanustr e	2011	39 pgs	Educação de jovens e adultos Escrita Sujeito	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Adolescência</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Escrita; Constituição Subjetiva; EJA
A questão dos saberes na construção da docência em EJA	Vieira, Magda Fontoura	2011	51 pgs	Educação de jovens e adultos Formação Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Formação; Professor; Educação de Jovens e Adultos; Saberes Docentes; Práxis Docente
A dimensão educativa no trabalho das agentes penitenciárias no “Madre Pelletier”	Rigo, Lucivânia Salete	2012	68 pgs	Educação não-formal Mulher Penitenciária Feminina Madre Pelletier.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trabalho</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Prisão; Educação; Agentes Penitenciárias; Mulheres
O sujeito infanto-juvenil em situação de dupla violação de direitos : um estudo de caso numa rede de proteção em Porto Alegre, RS	Trindade, Danielli de Oliveira	2012	39 pgs	Assistência social Conselho tutelar Criança Direitos humanos Política social	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/ Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Dupla violação de direitos; Conselho Tutelar; Políticas Sociais
Aprendendo a ler a si mesma : processos de construção de autonomia de mulheres jovens na educação de jovens e adultos	Dias, Fernanda Carpes de Mello	2012	40 pgs	Autonomia Educação de jovens e adultos Mulher	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Condição Juvenil; Mulher Jovem; Educação de Jovens e Adultos; Autonomia
A formação de professores em EJA nos TCCs da FAGED/UFRGS : repercutindo o currículo novo da pedagogia	Lopes, Deisiane dos Santos	2012	52 pgs	Currículo Educação de jovens e adultos Formação Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/ Adolescência</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Formação de Professores; Currículo; Educação de jovens e adultos
Formação de educadores sociais e suas relações com o mundo do trabalho	Rosa, Carolina Araújo da	2012	31pgs	Educação social Formação Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação social; Trablho; Formação

Frequência/infrequência na EJA : por que isso acontece?	Alves, Karine da Cruz	2012	47 pgs	Alfabetização Educação de jovens e adultos Evasão escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de jovens e adultos; Frequência; Infrequência
Histórias de vida e escolarização de adultos : entrelaçando sentidos	Gheno, Bruna Fraga	2012	41 pgs	Educação de jovens e adultos Escolarização História de vida	Adolescentes Adolescência EJA	Educação de jovens e adultos ; Escolarização; Histórias de Vida
Como é bom ser vida loka : juventude, escola e o consumo musical do funk	Vieira, Liana Roxo	2012	32 pgs	Escola Funk Juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Escola; Funk ; Juventude
Vozes do campo: uma análise da formação docente tendo como base a teorização da educação do campo	Radomsky , Camila Waterloo	2012	39 pgs	Currículo integrado Educação rural Formação Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Currículo Integrado; Formação Docente; Educação do Campo
A relação trabalho-educação: um estudo sobre as concepções de futuras professoras	Souza, Cíntia Lumertz Pereira de	2013	35 pgs	Formação Prática de ensino Professor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência/ Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Trabalho-Educação; Formação Docente; Prática de Ensino
No espaço estamos, no tempo somos : identidades de alunos no entre lugar dos anos iniciais e finais do ensino fundamental	Dal Moro, Marília Bervian	2013	44 pgs	Aluno Ensino fundamental Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescência</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> </ul>	Construção da categoria aluno; Tempos e Espaços Escolares no EF; Grupos de Discussão na Pesquisa em Educação
"Estou na EJA. E agora?" : critérios para a transferência de jovens "do diurno" para "o noturno"	Gueiral, Ana Figueiredo	2013	55 páginas	Educação de jovens e adultos Transferencia escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de jovens e adultos; Transferência; Juvenilização
O que é a EJA para ti? os sentidos da eja na perspectiva discente	Marchioro , Kelli Cristine	2013	48 páginas	Aluno Dialogismo Educação de jovens e adultos Sentido	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de jovens e adultos; Produção de Sentidos; Dialogismo
"Caprichem nas folhinhas" : a infantilização das práticas pedagógicas e a docência da EJA	Réus, Márjori Béz	2013	50 pgs	Educação de jovens e adultos Prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de jovens e adultos; Infantilização; Práticas pedagógicas
"Volto quando a brincadeira terminar": o estranhamento do lúdico na EJA	Evangelista, Ketulen Dietz	2013	30 pgs	Educação de jovens e adultos Jogos pedagógicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Lúdico; Estranhamento; EJA

Juventude e educação não-escolar : espaços cidadãos?	Lemos Junior, Valter Fernando Farias	2014	47 pgs	Cultura Espaço cultural Juventude Movimentos sociais Políticas públicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Cultura; Juventude; Movimentos sociais; Políticas públicas
"A que direito eu tenho direito?" os direitos da criança e do adolescente segundo jovens em conflito com a lei	Silva, Jéssica Freitas da	2014	44 pgs	Adolescente Criança Direitos humanos Menor infrator Oficina pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/ Adolescência</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Direito; Adolescentes em conflito com a Lei; Oficinas Socioeducativas
Na EJA - a educação não se esgota em si mesma! : um estudo de caso em uma escola municipal de Porto Alegre	Pena, Sílvia Vanderlise Rodrigues	2014	57 pgs	Educação de jovens e adultos Educação permanente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Juventude;</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Permanência; Pertencimento; Educação permanente
Aproximações e distanciamentos entre a afetividade e o "querer bem", a partir das concepções de professoras de turmas de alfabetização para educação de jovens e adultos	Souza, Mariana Ferrão de	2014	49 pgs	Afetividade Educação de jovens e adultos Relação professor-aluno	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Afetividade; Educação de jovens e adultos; Relação professores e alunos; "Querer-bem"
Trajetórias de trabalho nos memoriais formativos dos alunos da EJA do Colégio de Aplicação	Rolla, Stephanie Ma	2014	52 pgs	Colégio de Aplicação Educação de jovens e adultos Memorial Trabalho Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Educação de jovens e adultos; Trabalho; Educação
Feminino, deficiência e escolarização : singularidades na educação de jovens e adultos	Alves, Larissa Faria	2014	45 pgs	Educação de jovens e adultos Educação especial Mulher	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/ Adolescência</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	EJA- Educação de jovens e adultos;  Educação especial; Narrativas-Mulheres
Oficina de cinema como possibilidade educativa na educação de jovens e adultos : produção de sentidos e aprendizagens	Tavares, Danielle Riella Rodrigues	2014	48 pgs	Cinema Construção de sentido Educação de jovens e adultos Prática pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Adolescentes/ Adolescência</b></li> <li>• <b>Educação de Jovens e Adultos</b></li> </ul>	Cinema; Produção de sentido; Educação de jovens e adultos